



Gabriela Maldonado

**Um estudo sobre o conceito freudiano
de pulsão de morte**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-graduação em Psicologia do
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Ana Maria Rudge

Rio de Janeiro

Dezembro de 2005



Gabriela Maldonado

**Um estudo sobre o conceito freudiano
de pulsão de morte**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Ana Maria Rudge
Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof^a. Monah Winograd
Sem vínculo

Prof^a. Regina Herzog de Oliveira
Instituto de Psicologia - UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

Gabriela Maldonado

É psicanalista graduada em Psicologia pela UFRJ (1996). É especialista em psicanálise pelo CEP COP/USU (2003), e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/Rio (2005).

Ficha Catalográfica

Maldonado, Gabriela

Um estudo sobre o conceito freudiano de pulsão de morte / Gabriela Maldonado ; orientadora: Ana Maria Rudge. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2005.

95 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Pulsão de morte. 3. Sujeito. 4. Cultura. I. Rudge, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para Claudio, meu marido;
por sua presença cheia de amor;
por nossa casa cheia de vida;
por nossa vida cheia de graça.

Por José Maria, meu pai,
que sempre me incentivou a sonhar,
desde quando me dizia; que depois do arco-íris,
existia um pote cheio de ouro.
Por Lislote, minha mãe, porque é uma guerreira,
com quem aprendi o valor do trabalho.
Por meus irmãos, Diego e Juan, pelo muito que os
admiro.

Agradecimentos

À CAPES agradeço pela confiança que depositou em mim concedendo-me bolsa para realizar este trabalho.

Esta dissertação foi realizada no curso de mestrado do Programa de pós-graduação em psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004-2006), à qual sou grata.

Agradeço especialmente, à professora e orientadora deste trabalho, profa. Ana Maria Rudge, que acompanhou e orientou a realização desta pesquisa, com uma mistura de respeito, de rigor acadêmico e de doçura. Suas críticas e sugestões foram sempre pertinentes e fundamentais na elaboração desta dissertação.

À profa. e amiga Monah Winograd, sou grata pela solidez de sua presença em momentos cruciais da minha vida e por ter me iniciado no *Projeto para uma psicologia científica*, compartilhando comigo da minha iniciação na psicanálise. Pela leitura atenta do projeto de dissertação e por suas sugestões e críticas sobre as insuficiências e as potências deste trabalho, devo mais do que é possível expressar em palavras.

À profa. Regina Herzog, que foi uma das minhas primeiras mestras na UFRJ, sou grata porque esta dissertação é o testemunho, e um dos avatares de uma formação que começou nas aulas de teoria psicanalítica, há mais de dez anos atrás. Sua presença na banca examinadora muito me enobrece.

Agradeço também aos colegas do grupo de pesquisa, por terem me escutado e me ajudado semanalmente, durante o período de elaboração desta pesquisa, tornando mais leve o caminhar.

Às minhas amigas, Alexandra, Taís e Delfina, agradeço porque este percurso se ancorou também na amizade. Dentre outras coisas, a elas sou especialmente grata, por enriquecerem minha trajetória, neste trabalho e na vida.

Agradeço também a Claudio Neves Borges, que me ajudou com as traduções.

À Verinha e Marcelina, obrigada por tudo que me ajudaram, sempre que precisei.

Resumo

Maldonado, Gabriela; Rudge, Ana Maria Rudge (Orientadora). **Um estudo sobre o conceito freudiano de pulsão de morte**. Rio de Janeiro 2005, 95p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Avaliando o alcance do conceito freudiano de pulsão de morte na teoria psicanalítica, contemplam-se alguns dos efeitos importantes da pulsão de morte, não só para a concepção do sujeito como igualmente para as formações sociais, já que, dentre os dotes pulsionais do sujeito freudiano, está a destrutividade de *Thanatos*, presente no processo de constituição do sujeito e do mundo objetal. Formulado somente em 1920 por Sigmund Freud em seu artigo intitulado *Além do princípio do prazer*, o conceito de pulsão de morte é a coroação de uma série de modificações importantes na teoria pulsional freudiana que inauguram a destrutividade como um dado irreduzível da alma humana. Trata-se de um elemento radicalmente novo que vem no seio de uma transformação importante na metapsicologia. É que a proposição da pulsão de morte é um dos elementos de um novo campo conceitual solidário produzido a partir de 1920, que inclui: o masoquismo e o supereu como primários, a compulsão à repetição e a função fundamental do sentimento de culpa inconsciente na vida em cultura, com que Freud dá conta de fenômenos clínicos e sociais que colocaram em questão a teoria de que dispunha anteriormente.

Palavras-chave

Pulsão de morte; sujeito; cultura

Abstract

Maldonado, Gabriela; Rudge, Ana Maria Rudge (Orientadora). **A study on the Freudian concept of death drive**. Rio de Janeiro 2005, 95p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Evaluating the role of the Freudian concept of death drive in the psychoanalytic theory, some of the important effects of the death drive are taken into account, not only for the conception of the subject but also for the social formations, once amongst the drives of the Freudian subject, the destructiveness of Thanatos is present in the process of constitution of subjectivity and of the object world. Formulated only in 1920 by Sigmund Freud in his article entitled *Beyond the principle of the pleasure*, the concept of death drive is the crown of a series of important modifications in Freudian drive theory which inaugurate destructivity as a irreducible element of the human soul. It is a radically new element that is a part of an important transformation in metapsychology. The proposal of the death drive is one of the elements of a new conceptual field which is constructed since 1920, which includes: masochism and superego as primary, compulsion to repetition, and the basic function of the unconscious guilt feelings in the life in civilization, that can take into account clinical and social phenomena that had questioned the theory that was in use previously.

Keywords

Death drive; subject; culture

Sumário

1. Introdução	10
2. Sobre a evolução da teoria pulsional freudiana	13
2.1 - A emergência do conceito de pulsão na obra freudiana	13
2.2 - A concepção quantitativa do Projeto	17
2.3 - A experiência de satisfação	19
2.4 - Os quatro elementos da pulsão	23
2.5 - Os dois dualismos pulsionais	30
2.6 - Da teoria do narcisismo à emergência de uma nova teoria pulsional	32
2.7 - Além do prazer	35
2.8 - A repetição compulsiva	37
3. A pulsão de morte e a vida psíquica	45
3.1 - Uma nova tópica	45
3.2 - A fusão pulsional	48
3.3 - Masoquismo erógeno primário e pulsão de morte	54
3.4 - Masoquismo moral, supereu e pulsão de morte	59
3.5 - A pulsão de morte e a gênese do eu	66
4. <i>Tanatos</i> e Civilização	72
4.1 - Aspectos Gerais	72
4.2 - O mal nosso de cada dia	77
4.3 - A felicidade que é possível	83
Conclusão	89
Referências Bibliográficas	93

1

Introdução

O objetivo deste estudo é apresentar o conceito freudiano de pulsão de morte¹, de modo que possamos identificar alguns de seus efeitos na vida psíquica e na vida em cultura. A proposição de uma pulsão de morte dota o sujeito freudiano de uma destrutividade, que ao mesmo tempo que conforma sua singularidade, se opõe às unificações típicas da civilização, porque põe em causa a conservação e a uniformização próprias à ordem da cultura.

Este conceito foi sistematizado por Freud apenas em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, mas bem antes disso, em 29 de Novembro de 1911, numa das célebres reuniões das quartas feiras da sociedade psicanalítica de Viena, Sabina Spielrein, psicanalista membro da referida sociedade, apresenta um artigo intitulado *A destruição como causa da transformação*, onde a idéia de uma potência destrutiva a operar no homem já se insinuava. Neste trabalho ela antecipa uma parte importante da teoria da pulsão de morte, segundo as palavras do próprio Freud. (Freud,1920:75)

A hipótese sustentada por Spielrein então é a de que Freud se equivoca ao supor que os conflitos fundamentais do psiquismo passam pelo enfrentamento entre a libido e o interesse. Ela sustenta que o conflito é entre a vida e a morte – *Eros e Tanatos*. Mas é por imposição de sua própria clínica, que apenas nove anos depois, Freud dedica-se a examinar os fenômenos que terminam por levá-lo ao conceito de pulsão de morte, promovendo uma verdadeira transformação e ampliação da malha conceitual psicanalítica.

Diante da evolução da teoria psicanalítica, que comemora pouco mais de um centenário da descoberta freudiana, a questão: *o que é a pulsão freudiana de morte?* _ poderia parecer irrisória. Não é essa a posição que defendemos: ela insiste em exigir de nós uma maior elaboração, desde que Freud a introduziu em

¹ Ao longo deste trabalho, optamos por utilizar uma terminologia que consideramos mais correta e já há muito consagrada no meio psicanalítico. Portanto, substituímos o termo instinto, que é a escolha terminológica do editor inglês, por pulsão, ainda que eventualmente isto ocasione alguma discrepância com relação às citações que transcrevemos.

1920, e o que nos propomos fazer é abordar a implicação, para a teoria psicanalítica, da introdução feita por Freud deste importante conceito.

Importante também dizer que, nesta retomada do conceito freudiano de pulsão de morte, privilegia-se o texto freudiano, mas outras contribuições não são descartadas, como a de Jacques Lacan, dentre outras igualmente relevantes, que nos trazem de volta à regiões cruciais da obra freudiana de uma maneira esclarecedora, definindo melhor seus contornos e apresentando novas possibilidades de reflexão.

O conceito de pulsão de morte é examinado desde sua emergência na metapsicologia, as modificações que implica na teoria das pulsões, até formulações posteriores sobre o tema. Estas modificações são consideráveis e são tanto teóricas como clínicas, pelo menos no que se refere à compreensão de algumas psicopatologias e de alguns mecanismos basais da constituição do aparato psíquico.

Uma reflexão aprofundada sobre a pulsão de morte em Freud, exige de nós que olhemos para trás, para resgatar uma parte da teoria sem a qual este conceito seria incompreensível. É que na metapsicologia freudiana, a teoria da pulsão de morte está referida ao começo da vida psíquica, e não podemos tratar dela sem nos remetermos a uma rede conceitual anterior à sua construção, cujo entendimento é necessário à sua inteligibilidade. Estamos falando do narcisismo primário e das instâncias ideais que norteiam o eu em formação; bem como dos modos de satisfação e dos princípios de funcionamento que estão em cena regendo cada começo, de cada sujeito.

Porém, nossa investigação na obra freudiana terá que ser bifronte, porque se nos é exigido voltar o olhar para trás, para os primórdios da metapsicologia, também é preciso que olhemos para frente, já que em Freud, a pulsão de morte está referida a uma constelação conceitual solidária produzida a partir de 1920, que inclui: o masoquismo como original, o supereu como primário, a repetição compulsiva, os sentimentos de culpa, a reação terapêutica negativa, dentre outros, que não podemos ignorar na clínica e na teoria.

Estas são algumas balizas identificadas na obra freudiana que nos permitem refletir sobre o alcance deste conceito, e que doravante vão constituir o eixo condutor deste trabalho. Nesse sentido, uma parcela considerável deste

estudo é dedicada a abordar esta parte da obra freudiana, que não se furta a considerar os efeitos da pulsão de morte, não só para um determinado sujeito, como igualmente para o grupo social. É esta construção que comporá as bases de nossa reflexão.

Três capítulos compõem este trabalho. No primeiro capítulo, acompanhamos a evolução da teoria pulsional freudiana desde seu aparecimento no seio da teoria psicanalítica até a fundamentação do conceito de pulsão de morte, a partir do fenômeno clínico da repetição compulsiva.

Dentre outros aspectos de grande relevância para esse estudo, nesta primeira parte, destaca-se a revisão empreendida por Freud na primeira teoria pulsional a partir da introdução do conceito de narcisismo em 1914, quando a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do eu (entendidas como não sexualizadas), perde seu sentido, já que o conceito de narcisismo aponta para o investimento libidinal do eu. Afirmar o eu como objeto de amor abriu questões que tornaram frágil a teoria pulsional anterior proposta por Freud, e ele se viu obrigado a revê-la.

Já no quadro da segunda teoria pulsional, sustentada por Freud em sua metapsicologia a partir do texto de 1920, no segundo capítulo deste estudo são abordados alguns efeitos da pulsão de morte na vida psíquica. Aspectos ligados à destrutividade da pulsão de morte e que compõem o eu primário, como o masoquismo originário, são ressaltados como fundamentais na formação da vida psíquica. Veremos que há uma positividade na ação da pulsão de morte, cuja destrutividade terá uma função preponderante no processo de constituição do sujeito e do mundo objetal.

A última parte desse estudo está dedicada a pensar alguns dos efeitos da pulsão de morte na cultura. Veremos, neste terceiro capítulo, que a temática de um mal-estar na cultura é uma derivação necessária da teoria freudiana da pulsão de morte, que pode ter tanto um efeito mortífero, quanto benéfico, porque regula as relações entre os homens estabelecendo os limites de até onde é possível acercar-se de nossos semelhantes.

2

Sobre a evolução da teoria pulsional freudiana

2.1

A emergência do conceito de pulsão na obra freudiana

De todas as partes lentamente desenvolvidas da teoria analítica, a teoria das pulsões foi a que mais penosa e cautelosamente progrediu. (Freud,1930:139)

Partiremos da premissa de que o corpo fornece uma fonte de estimulação constante, da qual não é possível esquivar-se e que sustenta toda a atividade psíquica. Este postulado encontra-se presente na obra freudiana, desde o início como podemos notar num trecho do artigo de 1895, intitulado *Projeto para uma psicologia científica*, no qual somos informados que “ Ψ (psi) está à mercê de Q”, pois os estímulos endógenos se produzem de maneira contínua, ao contrário dos estímulos externos “e é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como vontade - o derivado das pulsões” (Freud (1950[1895]:335). Isto significa que não há possibilidade de fuga. Podemos fugir dos estímulos externos, mas não podemos fugir dos estímulos internos, “e nesse fato se assenta a mola mestra do mecanismo psíquico” conclui Freud.²

Neste ponto de sua produção teórica, Freud concebe um aparato psíquico que é regulado pelo princípio da inércia neuronal, funcionando no sentido de se ver livre dos estímulos, e isso só é possível através da descarga de Q que ele recebe.³

Ele vai definir três grandes sistemas neuronais em seu *Projeto para uma psicologia científica*. São eles: sistema Psi (Ψ), sistema Phi (ϕ) e sistema Omega

²Op. cit. p. 334.

³ Sendo Q, a energia que circula pelos neurônios, capaz de deslocamentos e descargas. No *Projeto*, a noção de quantidade é representada ora pela abreviatura Q, ora pela abreviatura Q'n. Algumas vezes Q é empregada para designar a energia que circula pelo sistema nervoso, outras vezes distingue Q de Q'n, designando a primeira como energia de fonte exógena e que é da mesma ordem de magnitude que as quantidades do mundo externo, e a segunda designando a energia da fonte endógena, cuja magnitude é de ordem intercelular. Para facilitar nossa leitura utilizaremos a abreviatura Q, para designar a excitação presente no sistema.

de neurônios (ω). O sistema psi é responsável dentre outras coisas pela memória, e é estimulado diretamente de fonte endógena e indiretamente de fonte exógena via phi. Em função dessa dupla fonte de psi, Freud divide o sistema psi em duas partes: O psi pallium e o psi núcleo, donde os neurônios do pallium são investidos a partir de phi, e os neurônios do núcleo são investidos a partir de fontes endógenas (corpo), que mais tarde veremos que Freud denominará de fonte pulsional.

Os neurônios de acordo com Freud, possuem barreiras de contato, que podem ser mais ou menos resistentes que a magnitude de Q. Se a resistência na barreira de contato for maior que a magnitude de Q, o neurônio em questão é impermeável, retentor de Q. Ao contrário, quando a resistência da barreira de contato, for menor que a magnitude de Q, este neurônio é permeável à energia e, portanto é condutor. Os neurônios impermeáveis servem à memória e os permeáveis à percepção. Os neurônios perceptivos são chamados de phi; os neurônios retentores de Q, portanto portadores de memória são chamados de psi.

O termo pulsão insinua-se para Freud já em suas primeiras publicações ditas pré-psicanalíticas, mas só vai ganhar um estatuto conceitual propriamente no artigo *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, quando Freud vai defini-la como:

(...) o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um 'estímulo', que é estabelecido por excitações *simples* vindas *de fora*. O conceito de pulsão é assim um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico. A mais simples e mais provável suposição sobre a natureza das pulsões, pareceria ser que, em si uma pulsão não tem qualidade, e no que concerne à vida psíquica deve ser considerada apenas como uma medida da exigência de trabalho feita à mente. O que distingue as pulsões uma das outras e as dota de qualidades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e com seus objetivos. A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre num órgão e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação deste estímulo orgânico (Freud, 1905:171).⁴

⁴ Este trecho foi acrescentado à terceira edição dos "Três Ensaio", em 1915.

No texto em questão Freud distingue fonte, objeto e finalidade da pulsão, sendo a fonte somática e o objeto variável; a finalidade ou objetivo seria a descarga do excesso tensão. É justamente esta variabilidade objeto, ou seja, a independência da pulsão com relação ao mesmo, que vai permitir diferenciá-la nitidamente da noção de instinto, sobre a qual se apoiavam as teorias sobre a sexualidade vigentes à época de Freud.

Os Três Ensaaios sobre a Teoria da sexualidade tematizam o conceito de pulsão sexual e não o instinto sexual entendido como uma conduta cujos padrões são fixados hereditariamente.

No que se refere à sexualidade, o padrão natural corresponderia à reprodução animal. Ou seja, uma sexualidade dita normal teria de atender à finalidade de reprodução e manutenção da espécie e toda a manifestação sexual que subvertesse este modelo seria aberrante e perversa.

A originalidade da psicanálise é propor que a sexualidade humana é em si mesma aberrante⁵. A pulsão sexual é independente de seu objeto e “nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto” (Freud, 1905:149). Ou seja, qualquer objeto pode ser objeto da pulsão sexual, desde que atenda à finalidade de satisfação.

A contingência do objeto e a plasticidade das formas de realização sexual, tal como propostos por Freud em seu artigo de 1905, são precisamente aquilo que distingue a natureza humana dos outros animais.

No homem as modalidades de satisfação estão vinculadas às zonas erógenas. Num primeiro momento a sexualidade humana é auto-erótica e o funcionamento pulsional se dá da seguinte forma: As pulsões parciais (que se relacionam com as excitações de certas partes do corpo) se exercem de forma não unificada, são independentes de um objeto específico e autônomas em relação à função biológica. Freud aponta o sugar como uma das primeiras exteriorizações da sexualidade infantil. Neste ato o que está presente é o prazer de sugar e não a satisfação de uma necessidade. É uma prática que freqüentemente tem por objeto uma parte do próprio corpo, o que a torna independente de um objeto externo,

⁵ Evidentemente, que é aberrante em relação à função biológica da reprodução, no sentido de que o que a pulsão sexual visa não é a reprodução mas a satisfação. Freud nos revela que a sexualidade é o que é característico da espécie humana.

como o seio, por exemplo. Estas duas características – a independência do objeto externo e a independência da finalidade de nutrição - levam Freud a postular um dos conceitos mais importantes dos *Três Ensaio*s – o de auto-erotismo ⁶, considerado o momento primeiro da sexualidade infantil, no qual o prazer de órgão se diferencia dos comportamentos puramente adaptativos. O auto-erotismo marca o ponto de ruptura do pulsional em relação ao instintivo.

Durante o processo de desenvolvimento libidinal, que vai do auto-erotismo, passando pelo narcisismo (momento da assunção subjetiva), até chegar ao estágio da escolha objetal, as pulsões parciais vão pouco a pouco se unificando sob o primado da zona genital, quando finalmente vão poder servir eficazmente à finalidade de reprodução da espécie. Contudo, somos advertidos de que este processo de desenvolvimento não é linear, havendo paradas, regressões e fixações, durante o percurso que determinam diferentes subjetividades.

É importante sublinhar, que neste momento, além da sexualidade, também a pulsão abrange uma outra esfera: a auto-conservação do indivíduo. A noção de ‘apoio’ da sexualidade sobre as grandes funções fisiológicas do organismo: a nutrição e a excreção; presente no artigo de 1905, sugere a existência daquelas que mais tarde foram denominadas de pulsões de auto-conservação ou pulsões egóicas. ⁷

O passo seguinte na construção da teoria pulsional é dado em 1910, num artigo intitulado *As Perturbações Psicogênicas da Visão segundo a Conceção Psicanalítica*. Aqui Freud formula a oposição entre as pulsões sexuais e as do eu.

⁸ Nós trataremos desta evolução adiante, no tópico destinado às duas dualidades pulsionais.

⁶ Cf. GARCIA-ROZA, L.A. , *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. 3, Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 33.

⁷ Nos *Três Ensaio*s sobre a Sexualidade, Freud elaborou o conceito de apoio (*Anlehnung*). Segundo ele as pulsões se apoiam inicialmente nas funções corporais que servem à conservação da vida individual. Contudo, a partir do auto-erotismo, as pulsões que até então se apoiavam nas funções biológicas, aos poucos tornam-se autônomas, já que a partir daí o prazer de órgão se acrescenta e se diferencia dos comportamentos puramente adaptativos. Em resumo a tese de Freud é de que as pulsões sexuais surgem, quando o prazer torna-se autônomo em relação à satisfação da necessidade, mas que este surgimento não se dá sem um apoio nas funções biológicas.

⁸ Cf. Mezan, R., *Freud: A trama dos conceitos*, Perspectiva, SP, 1991, p. 155.

2.2

A concepção quantitativa do projeto

Quando Freud escreve seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, sua intenção é como o próprio título já indica, prover uma psicologia aos moldes da ciência natural. Para tanto, o que ele nos oferece é uma concepção quantitativa dos processos psíquicos. De saída ele sublinha as duas idéias que norteiam o Projeto. São elas:

- a) A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento.⁹
- b) Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais.¹⁰

Segundo Paes de Barros (1975), o projeto freudiano se sustenta ainda em dois princípios fundamentais, que seriam:

- a) O princípio da inércia neurônica, que afirma que os neurônios têm a tendência a descarregar, automaticamente, toda a quantidade que venham a receber.
- b) A teoria do neurônio que afirma que os sistemas neurônicos se organizam, de maneira a estabelecer barreiras de contato entre os neurônios individuais, possibilitando a formação de resistências, que se opõem à tendência à descarga, que é prevista pelo princípio da inércia.

⁹ A primeira parte desta oração nos parece um tanto quanto enigmática, pois parece sugerir, que o que distingue a atividade do repouso é a Q. No entanto somos alertados pelo editor, a conferir o apêndice C deste artigo. Lá tivemos indicações de que Q por vezes aparece em seu estado fluente, e por vezes sob uma forma mais estática. Dentre outras coisas, esta distinção é relacionada com uma distinção entre o processo primário (não-inibido/estado de Q fluente, passando através de um neurônio ou indo de um neurônio a outro) e o processo secundário (inibido/ estado de Q estática num neurônio). Donde concluímos que a importância óbvia do que Freud está dizendo da Q, neste momento, é que está sujeita às leis gerais do movimento, isto é : circula e se acumula pelo e no sistema nervoso.

¹⁰Op. cit. p. 315.

Desta forma é dada a largada rumo à construção de uma ciência do psiquismo, donde o neurônio é concebido como o suporte material e a unidade fundamental e constituinte do aparato psíquico.

Os neurônios formam sistemas ¹¹ e podem ser ao mesmo tempo condutores e armazenadores de energia.

O aparelho neuronal assim concebido é capaz de receber, transformar e transmitir (através das vias condutoras) a energia.

Neste ponto de sua elaboração teórica, Freud nos fala de três sistemas neuronais. São eles: sistema phi, sistema psi e sistema omega, cada um com seus respectivos modos de funcionamento dentro do aparato. A energia que circula pelos neurônios é designada Q, e é capaz de deslocamento e descarga.

Constatamos que já em 1895, Freud elabora uma concepção quantitativa, que segundo ele “deriva diretamente das observações clínicas patológicas, especialmente no que diz respeito à idéias excessivamente intensas – na histeria e nas obsessões, nas quais como veremos, a característica quantitativa emerge com mais clareza do que seria normal”(Freud, 1895:315).

É notável que mais de quatro décadas depois ele ainda atribua importância ao fator quantitativo, como sendo um fator decisivo na etiologia das neuroses. ¹²

Efetivamente se queremos lançar luz sobre o conceito de pulsão, é indispensável que estejamos a par da teoria quantitativa. Muito embora o que estamos nos referindo conste do *Projeto* de 1895, a idéia de quantidade vai manter o seu frescor e sua atualidade durante toda a obra freudiana, e estará sempre vinculada de alguma maneira à economia pulsional. Daí a relevância que lhe estamos atribuindo. ¹³

Voltando ao aparelho neuronal, vimos que neste momento da teoria, o princípio que o regula é o chamado ‘princípio da inércia neuronal’, que expressa a tendência dos neurônios a livrar-se de Q. Esta atividade de descarga representa a função primordial do sistema nervoso, sendo que a esta se soma ainda uma outra

¹¹ Sobre os sistemas neuronais do Projeto, ver pagina 1 deste trabalho.

¹² Cf. *Análise Terminável e Interminável*, 1937.

¹³ A teoria quantitativa está presente em toda a teoria do conflito como causa não só das neuroses, mas numa série de estados mentais. Segundo nota do editor inglês (Freud, 1950[1895]:409), a partir do artigo “O Inconsciente” Freud passa a usar o termo “econômico” como equivalente de “quantitativo”. Muito embora, o uso das duas palavras como sinônimos, já pudesse também ser encontrada em uma carta escrita a Wilhelm Fliess, com data de 27 de Abril de 1895. (Freud, 1950 a, Carta 23).

que Freud chamou de ‘fuga do estímulo’, segundo a qual o sistema neurônico procura conservar as vias de descarga que o possibilitam manter-se afastado das fontes de excitação.

Entretanto, o ‘princípio da inércia’ não atua sozinho, e segundo as palavras de Freud ele é rompido por outra circunstância, um outro modo de funcionamento do aparelho que procura evitar a livre descarga de energia. Isto acontece, porque o sistema nervoso recebe estímulos endógenos, além daqueles provenientes da realidade externa. Estes estímulos (de origem endógena) são aqueles que criam as grandes necessidades vitais: a fome, a respiração e a sexualidade. É o que ele chamou de *exigências da vida*, das quais não é possível esquivar-se. Estas exigências só são apaziguadas, mediante a realização de uma ou mais ações específicas que sejam capazes de aplacar sua intensidade.

Para realizar a ação específica, o organismo precisa de energia e por isso não pode abandonar-se totalmente aos ditames do princípio da inércia e descarregar toda a Q; ao contrário, precisa suportar certo acúmulo da mesma, para realizar as ações específicas destinadas a satisfazer as exigências dos estímulos endógenos (somáticos). Ou seja, ao mesmo tempo em que o sistema procura se proteger contra um aumento da Q, ele é obrigado a tolerar um acúmulo da mesma, num esforço por mantê-la constante. Esta é a lei da constância que constitui a função secundária do sistema, imposta pelas exigências da vida, ao passo que a função primária é como vimos, o princípio da inércia e a fuga do estímulo.

2.3

A experiência de satisfação

A primeira vez que a expressão experiência de satisfação aparece na obra freudiana, é em 1895, no artigo intitulado *Projeto para uma Psicologia Científica*, e o curioso, é que apesar do nome, vem a ser justamente a precursora de uma experiência de desapontamento.

Em Freud, a experiência de satisfação está ligada à concepção de um estado de desamparo original do ser humano, que nasce despreparado, para realizar sozinho as ações específicas necessárias, ao aplacamento das tensões, provocadas pelo acúmulo de Q.

Esta fragilidade, do humano recém - nascido, o coloca numa relação de total dependência da pessoa responsável por ele. No sentido de que, ao não ser capaz de realizar a ação específica, destinada a satisfazer as exigências dos estímulos endógenos, ele vai precisar de outra pessoa, para suprimir assim a tensão. A eliminação, portanto, do estado de tensão decorrente dos estímulos internos, dá lugar àquilo que Freud chamou de vivência de satisfação.

Esta estimulação endógena está ligada, como vimos antes a estados de necessidade, que Freud chamou de exigências da vida.

Pois bem, recapitulando o que já vimos, sabemos que o sistema psi conecta-se diretamente com a fonte somática de excitação, e que retém Q endógena até certo ponto. Vimos também que esta estimulação é constante e dela não é possível fugir. A certa altura do processo, os neurônios psi que estão carregados de Q vão se encontrar num estado de *urgência*, para usar as palavras de Freud, e por efeito disto vão apresentar uma propensão à descarga, como os outros neurônios através das vias motoras, “a primeira via a ser seguida é a que conduz à *alteração interna* (expressão das emoções, gritos, inervação muscular)”¹⁴. O objetivo da descarga motora é o alívio da tensão em psi. No entanto, Freud nos adverte que nenhuma descarga motora (alteração interior) pode ser suficiente para reduzir a tensão do sistema psi, pois o estímulo endógeno continua atuando. Como já vimos, esta estimulação interna está ligada às necessidades corporais (fome, respiração e sexualidade), às urgências da vida. Ora, esta urgência não pode ser atendida com uma simples descarga motora. Por exemplo, se um recém-nascido ao sentir fome, chorar e espernear, não vai conseguir eliminar o estado de estimulação na fonte somática. Isto significa que este comportamento não vai por si mesmo, trazer-lhe o alimento necessário, para aplacar-lhe o desprazer.

Mas o que Freud vai dizer, é que esta conduta do recém-nascido o insere numa relação de comunicação com o outro. O choro é ouvido pelo outro como um sinal, de que algo não vai bem. Quando a pessoa responsável pelo bebê atende este sinal fazendo dele uma demanda, amparando-o de alguma forma através da realização da ação específica, o resultado é a eliminação do estado de estimulação

¹⁴Op. cit. p. 336.

na fonte; o que Freud formulou como vivência (experiência) de satisfação da necessidade.

A partir daí, a vivência de satisfação fica ligada à imagem do objeto que proporcionou satisfação e à imagem do movimento que proporcionou a descarga, por um processo chamado associação por contigüidade. Assim, quando surgir de novo um estado de urgência surge um impulso psíquico que procura reinvestir a imagem mnêmica do objeto, com a finalidade de repetir a satisfação inicial.

Nos termos do Projeto, o que ocorre é que a vivência de satisfação gera uma facilitação¹⁵ entre duas imagens mnêmicas (a do objeto que causou satisfação e a da descarga pela ação específica) e os neurônios nucleares investidos. Com o reaparecimento do estado de urgência, as duas imagens mnêmicas são reativadas com a ressalva de que o que é reativado é uma imagem mnêmica, sem que essa reativação seja acompanhada pela presença real do objeto. O que ocorre é uma alucinação, sobrevivendo assim uma frustração e um desapontamento, já que sem o objeto real não pode haver satisfação. Sem contar que mesmo a satisfação original não pôs fim à estimulação, já que esta flui continuamente. O que nos remete à idéia de que não há satisfação total. Sobre este assunto falaremos mais detalhadamente, ao abordar a relação da pulsão com a satisfação que é sua finalidade.

É importante dizer aqui que esta noção, de uma experiência primária de satisfação, é a base da formulação freudiana sobre o desejo e será retomada no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*. Concluímos, que a experiência primária de satisfação é o momento primeiro da instauração do diferencial prazer/desprazer, e se constitui como modelo para as vezes seguintes em que se instaurar um estado de desejo.¹⁶

Retomando estas indicações, Rudge dirá que:

¹⁵Facilitação é um processo no qual há uma passagem parcial de Q, pelas barreiras de contato, que ficam marcadas ou alteradas. Esta alteração é uma diminuição da resistência, de maneira que doravante, a excitação tende a percorrer o mesmo caminho, através do qual houve facilitação, ou menor resistência das barreiras. A maior ou menor facilitação vai caracterizar a memória neurônica, e o grau de facilitação depende da quantidade (Q) com a qual o neurônio tem que lidar.

¹⁶ Nos termos do *Projeto*, os estados de desejo seriam os resíduos de experiências de satisfação. Segundo Freud “o estado de desejo resulta numa atração positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica” (FREUD, 1895[1950]: 339/340).

A consequência direta da experiência de satisfação é que qualquer acumulação de excitação sentida como desprazer colocará o aparelho em ação para repeti-la. A corrente que se inicia no desprazer e tem o prazer como finalidade é o que Freud chamará desejo (Rudge, 1998:21).

Assim, a cada vez, o aparato psíquico procura realizar uma ação específica, cuja finalidade é reencontrar o objeto que originalmente produziu satisfação. Contudo, vimos que a necessidade destas ações específicas, deve ser reconhecida por um outro ser humano.

Na concepção freudiana, de um lado o desejo está ligado às urgências da vida, e portanto, às estimulações internas que provocam tensão, e impelem o sujeito a buscar satisfação; e de outro às imagens mnêmicas ou representações, através do que o ser humano se relaciona com o mundo, e com os objetos do mundo. Neste processo a intervenção do outro é fundamental, indicando que desde o início é na relação com o outro que o desejo se constitui. Esta intervenção é mediada pela linguagem, que é condição do desejo, que se por um lado nos remete ao impossível da satisfação, por outro cria inúmeras possibilidades de satisfação parcial da pulsão.

Segundo Rudge (1998:17), é sob o rótulo de ‘desejo’, que Freud vai descrever como a partir da experiência de satisfação de necessidade, vão se criando facilitações que servem como roteiro, para aquilo que mais tarde ele chamou de pulsões sexuais. Para a autora, estas facilitações “são marcas de uma história que se inicia no encontro com o corpo do semelhante. Corpo e voz. As pulsões também são o eco, no corpo, da fala materna”.

Esse modo de entender a experiência de satisfação nos ajuda a concluir que estes circuitos que se instauram a partir das primeiras experiências de prazer e desprazer, são o que depois se chamou circuitos pulsionais.

Freud vai introduzir o assunto em 1905, fazendo uma sistematização mais detida em 1915, no artigo dedicado a definir os destinos pulsionais, onde veremos os elementos que respondem pela natureza da pulsão. A saber: pressão, fonte, objeto e alvo.

2.4

Os quatro elementos da pulsão

No texto de 1915, *As Pulsões e suas vicissitudes*, Freud importa da fisiologia a idéia de estímulo e o modelo do arco reflexo, segundo o qual um estímulo aplicado a um tecido vivo a partir de fora é descarregado para fora, numa ação que remove a substância estimulada do raio de atuação do estímulo.

A seguir somos advertidos que ainda que possamos afirmar que uma pulsão é um estímulo aplicado à mente, não devemos confundir a pulsão com qualquer estímulo fisiológico que atua na mente, uma vez que a pulsão caracteriza-se por ser uma força de impacto constante, que incide não a partir de fora, mas de dentro do próprio organismo. Ou seja, a pulsão caracteriza-se de saída por ser uma força que pressiona constantemente, contra a qual não há nenhuma ação motora (fuga) que a elimine.

Da biologia, Freud extrai a idéia de que há um mecanismo mental denominado Princípio de constância, como já vimos, que rege o sistema e cuja finalidade é dominar os estímulos que aportam à mente, seja livrando-se deles ou mantendo-os tão baixos quanto possível.

O segundo princípio em jogo é o princípio do prazer, segundo o qual “o curso seguido pelos eventos mentais, assume uma direção tal, que seu resultado final coincide com (...) a fuga do desprazer ou uma produção de prazer” (Freud, 1920:7).

O fato é que em se tratando das pulsões, não há nada que faça cessar o estímulo, isto obriga o sistema a renunciar à “intenção ideal” (Freud, 1915a:140), de dominá-los, como exige o princípio da constância. Neste sentido a pulsão é a força motriz por trás do nível de desenvolvimento que o sistema teve que alcançar, para realizar a tarefa de evitar o desprazer, (diminuição da estimulação), uma vez que obriga o sistema a empreender atividades complexas e interligadas, “pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação” (Freud, 1915a:142).

Assim, chegamos a célebre definição do conceito de pulsão, segundo a qual:

(...) uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente, no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.¹⁷

Dito isto, Freud vai destacar os quatro elementos fundamentais do conceito de pulsão, que podem ser enunciados da seguinte forma: A pulsão é uma força de **pressão** constante, que alcança a mente a partir de uma **fonte** somática, tem um **objeto** variável, através do qual realiza a **finalidade** de obter satisfação, embora por sua natureza de pressionar constantemente não se satisfaça completamente, mas apenas de modo parcial, justamente porque não há uma ação adequada que elimine o estado de estimulação na fonte. Passemos então aos quatro elementos:

1- Pressão:

Sobre a pressão, Freud diz que:

Por pressão de uma pulsão, compreendemos seu fator motor, a quantidade de força, ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todas as pulsões; é de fato sua própria essência.¹⁸

Esta definição diferencia a pulsão de qualquer outro estímulo endógeno de impacto momentâneo, como a fome ou a sede, que podem diminuir ou cessar desde que haja uma ação específica, que satisfaça à necessidade de alimento ou de água. E é exatamente esta característica de pressionar permanentemente, que nos permite definir a pulsão como uma força que vigora no psiquismo, ou potência em função da qual uma exigência de trabalho é feita ao aparato anímico.

Destas afirmações deduzimos que a pulsão não está a serviço de nenhuma função biológica, que é marcada pela possibilidade de satisfação através da eliminação da estimulação na fonte, diferentemente da pressão contínua que define o impulso pulsional.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem.

2- Finalidade, Objetivo ou Alvo:

A finalidade (Ziel) de uma pulsão é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. Mas, embora a finalidade última de cada pulsão permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conducentes à mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que uma pulsão possui várias finalidades próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras (Freud, 1915a:143).

Se a satisfação é definida pela eliminação do estado de estimulação na fonte¹⁹, e se o impulso pulsional é como vimos antes uma força de impacto constante, então, em se tratando de pulsão não há possibilidade de satisfação plena, se isto fosse possível, a pulsão teria que ser definida como uma força de impacto momentâneo. Donde deduzimos que o objetivo da pulsão é inatingível pela sua própria natureza. E justamente porque a satisfação não se alcança, a pulsão pressiona constantemente.

Aqui, o importante é demonstrar, que há processos nos quais a pulsão é parcialmente satisfeita. Por exemplo, nos *Três Ensaio*s Freud chegou a dizer que os sintomas são a atividade sexual dos neuróticos, já que baseiam-se de um lado, nas exigências das pulsões libidinosas e de outro naquelas feitas pelo ego em relação a elas.(Freud,1905:166) Isto significa dizer, que um sintoma não é menos satisfação da pulsão que um ato sexual. Isto nos dá a idéia de que existem muitas formas de obter satisfação (parcial).

Retomando estas indicações, Lacan em seu Seminário 11, dirá que o alvo é sempre atingido quanto à satisfação; no sentido de que,

(...) aqueles com quem temos que tratar, os pacientes, não se satisfazem com o que são. E, no entanto sabemos que tudo que eles são, tudo o que eles vivem, mesmo seus sintomas, depende da satisfação (...). ou melhor eles satisfazem a alguma coisa. (...) digamos que por essa espécie de satisfação, eles se fazem sofrer demais” (Lacan,1964:158).

¹⁹ Ver tópico sobre a experiência de satisfação.

Voltando ao texto freudiano, sua hipótese de trabalho é de que o objetivo da pulsão é a satisfação, e que esta satisfação foi obtida um dia na história de cada indivíduo.

A busca da satisfação procura repetir esta vivência primeira de satisfação. E o que aprendemos com Freud é que cada objeto do qual a pulsão se apropria em sua busca infinita, revela o impossível da satisfação, ao mesmo tempo em que acena com a possibilidade de uma parcela de satisfação.

Vimos que no *Projeto* esta busca pelo objeto, está ligada a um estado de necessidade provocado pelas exigências da vida. Entretanto, o que o conceito de pulsão torna patente em psicanálise, é que não há um objeto natural da mesma que possa satisfazê-la, como é o caso do instinto.

3- O objeto.

O objeto de uma pulsão é a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável numa pulsão e, originalmente, não está ligado a ela, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação (Freud, 1915a:143).

O objeto da pulsão é variável, mas nem por isso é prescindível. Para Freud é somente por intermédio deste que a satisfação pode ser obtida, ainda que parcialmente. O que se coloca com a variabilidade do objeto é sua especificidade, na medida em que a pulsão pede um objeto, mas isto não significa que ela implique um objeto específico.

No artigo *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*, logo na primeira página Freud afirma que objeto sexual é a pessoa de quem procede a atração sexual, entretanto, mais a frente ele sugere que afrouxemos os laços que unem pulsão e objeto, no que parece ser uma tentativa de reconsiderar sua afirmação inicial sobre o objeto. “Parece provável” adverte, “que a pulsão sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto; (...)” (Freud, 1905:149). O objeto passa a ser um meio para atingir o objetivo de satisfazer a pulsão. Ele pode ser uma pessoa, uma parte de uma pessoa, bem como pode ser real ou fantasmático,

perdendo assim sua especificidade, e é sob este ponto de vista que Freud pode afirmar que ele é o que há de mais variável numa pulsão.

Apesar de não ser específico, não pode ser qualquer objeto, mas deve ser ‘peculiarmente adequado’ para tornar possível a satisfação. Esta peculiaridade é em referência à história do sujeito. Não se trata de um objeto do mundo, mas da representação que um determinado objeto adquire para um determinado sujeito.

Neste sentido, o que está em questão é não somente a relação do objeto com a finalidade, mas um modo de relação objetal que articula o indivíduo com o mundo.

4- Fonte:

Por fonte de uma pulsão entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão (Freud, 1915a:143).

De saída esta primeira parte da definição de fonte, indica a fonte da pulsão como um processo somático que funciona como um estímulo para o psíquico. Contudo, a idéia de que este estímulo é representado na vida mental por uma pulsão nos coloca um problema. Porque uma coisa é a pulsão propriamente dita e outra coisa inteiramente diferente é a forma como esta se faz representar na vida psíquica. Conforme a teoria freudiana esta só se faz presente no psiquismo por seus representantes psíquicos: a representação e o afeto. Ora, se a pulsão como nos diz Freud, não pode ser objeto da consciência e no inconsciente ela só pode ser representada por uma idéia(Freud,1915c:203), só podemos pensar a pulsão como sendo diferente da representação. Mas o que isto significa?

Desde o Projeto de 1895, Freud nos fala de algo que se faz presente no interior deste aparato e em função do qual ele se constitui. No Projeto esse algo é a Q, que como vimos pode ser de origem exógena ou endógena. Ele afirma que o sistema psi (Ψ) está à mercê de Q, da qual não é possível esquivar-se, pois os estímulos endógenos se produzem de maneira contínua, “e nesse fato se assenta a mola mestra do mecanismo psíquico” (Freud[1950(1895)]:335). A função deste aparato seria dominar esta força constante.

Esta idéia do aparato como um aparato de domínio reaparece depois em 1914, em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, quando afirma que: “Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos” (Freud, 1914:102).

Isto para não falar do próprio texto de 1915 sobre as pulsões, quando Freud reafirma que:

(...) o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não-estimulada. Não façamos objeção por enquanto à indefinição dessa idéia e atribuamos ao sistema nervoso a tarefa – falando em termos gerais - de *dominar estímulos* (Freud, 1915a:140).

A questão da fonte pulsional, de um lado nos remete à discussão da diferença entre pulsão e representação e de outro nos coloca um problema que não é pequeno, que é a questão do corpo para a psicanálise, em que pese a afirmação de que: “O estudo das fontes das pulsões está fora do âmbito da psicologia” (Freud, 1915a:143). O que nos sugere que o discurso psicanalítico sobre o corpo vai diferir amplamente do discurso biológico, e que neste sentido os processos corporais no que dizem respeito à sua função fisiológica, não servem de referencial para a psicanálise.

Isto é, o corpo para nós não mantém com o mundo uma articulação natural, com direções pré-formadas, onde haveria uma adequação entre as necessidades corpóreas e os objetos do mundo. Mas afinal, se a psicanálise toma como ponto de partida um corpo cuja suposta organização natural foi perdida, o que Freud está nos dizendo quando afirma que as pulsões são “inteiramente determinadas por sua origem numa fonte somática”? (Freud, 1915a:144)

Ora, se a psicanálise supõe que a linguagem constitui o humano como tal, e opera tendo como ponto de partida o discurso, a ordem simbólica, então este corpo do qual nos fala Freud como sendo fonte de estímulos, evidentemente está submetido também à linguagem, não podendo ser reduzido a um corpo puramente biológico. Isto significa dizer que para a psicanálise, de um lado o corpo é corpo

pulsional – fonte de potência, e, de outro corpo simbólico, na medida em que está submetido à linguagem, ponto de partida da psicanálise.

A pulsão é não-natural. Isto significa que mesmo que a consideremos em seu registro somático, como excitação nervosa, ela não visa atender às necessidades do corpo enquanto totalidade orgânica, não é adaptativa.

Por não ter objeto próprio e por não poder atingir seu alvo plenamente, a pulsão impõe ao aparato um modo de funcionamento diferente daquele que caracteriza o de um animal desprovido de linguagem. É que tendo feito sua emergência no humano, a linguagem passou a significar o corpo, assim como os objetos do mundo. A instauração da ordem simbólica tem como consequência imediata a desnaturalização do corpo e das suas necessidades. Assim, tendo sido rompida a ordem natural, as necessidades (faltas) deste corpo natural, não podem mais ser preenchidas por objetos naturais (absolutos), e a ação desencadeada por estas faltas, fica sem uma direção predeterminada. Com isto, a satisfação plena torna-se inviável, já que o objeto absoluto se perdeu, não há mais objeto específico. Ao tomar a linguagem como ponto de partida a psicanálise recusa a ordem natural, para a qual não há falha, não há fenda.²⁰

Nesta relação entre fonte somática de estímulo e aparato psíquico (lugar da linguagem), a pulsão funciona como elemento de articulação, e talvez seja este o sentido da afirmação freudiana de que a pulsão é um conceito de fronteira entre o psíquico e o somático.

Concluimos assim com Freud, que se de um lado temos uma força constante (pulsão), de outro temos um aparato que captura e transforma o disperso pulsional, segundo uma ordem que é a da representação ou linguagem²¹, transformando este disperso pulsional em idéias carregadas de afeto. Então é fato que a pulsão aponta para dois registros: o somático e o psíquico. Do ponto de vista de seu registro somático ela é um estímulo para o psíquico, algo que faz uma exigência de trabalho à psique. Do ponto de vista anímico, destacamos o modo como a pulsão se faz presente no psiquismo. Ou seja, enquanto conceito fronteiro a pulsão articula psíquico e somático.

²⁰ Sobre este tema, cf. GARCIA-ROZA, L.A., *O Mal Radical em Freud*, Rio de Janeiro: Zahar, 1990 (p. 13 à 20).

²¹ A identificação do aparato anímico como um aparato de captura e transformação, é apresentada por GARCIA-ROZA, L., *Introdução à Metapsicologia Freudiana 1*, Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

Ainda sobre a fonte, Freud vai destacar um outro aspecto importante: “Todas as pulsões são qualitativamente semelhantes” (Freud, 1915a:144), e o efeito que causam deve-se à quantidade de excitação que trazem em si. Assim, Freud sustenta a tese defendida no *Projeto* de que o sistema psíquico recebe de seu exterior apenas quantidades e não qualidades. É que no artigo de 1895, Freud discute no tópico destinado ao problema da qualidade, a idéia de que o aparelho psíquico recebe do mundo, apenas quantidades externas e que é esperado da estrutura do sistema nervoso que ela se constitua de instrumentos destinados a converter a quantidade externa em qualidades.

2.5

Os dois dualismos pulsionais

Reconhecemos em Freud pelo menos duas teorias sobre as pulsões. Na primeira etapa da elaboração freudiana sobre as pulsões, a teoria pulsional foi abordada no quadro do conflito entre o Eu e a sexualidade, que é o conflito subjacente às neuroses. Neste primeiro tempo, como já vimos Freud distingue dois grupos de pulsões: as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação; ou pulsões do eu. Entretanto em seu artigo metapsicológico sobre as pulsões, Freud declara que esta distinção:

(...) não tem **status** de postulado necessário; (...) ela não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas enquanto se mostrar útil, e pouca diferença fará aos resultados do nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra (Freud, 1915a:144/145).

Nestas palavras reconhecemos um prenúncio do que viria a suceder-se em 1920, quando da substituição da primeira teoria pulsional pela segunda teoria pulsional, que examinaremos aqui.

Foi em 1910, num curto artigo sobre as perturbações psicogênicas da visão, que Freud introduziu o termo pulsões do eu, identificando-as de um lado com as pulsões de auto-conservação, e por outro com a função repressiva cujo objetivo seria defender o eu ameaçado pelas exigências da sexualidade. Neste texto ele afirma que existiriam dois grupos de pulsões: “aquelas que favorecem a

sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e as demais pulsões que tem por objetivo a auto-preservação do indivíduo – as pulsões do ego” (Freud, 1910:199). Acrescentando numa nota de rodapé a título de esclarecimento que “... a libido significa apenas a energia das primeiras, das pulsões sexuais” (Freud, 1910:200).

A idéia central deste artigo é a de que as perturbações psicogênicas da visão podem ser explicadas a partir do conflito pulsional. Freud explica que o prazer sexual em olhar é uma erogenização do aparelho da visão, e as exigências excessivas da pulsão sexual acabam por convocar as defesas do eu que, ao sentir-se ameaçado pelas exigências da sexualidade, as desvia através de repressões. Assim, o órgão envolvido no conflito, neste caso o olho, “converte-se no palco da luta entre as pulsões” (Mezan, 1982:157); onde de um lado se fazem sentir as exigências da pulsão sexual e de outro as pulsões de auto-conservação que fornecem a energia para que o eu opere a repressão. A consequência é uma cegueira histérica ou uma paralisia histérica da mão, para usarmos os exemplos de Freud. No caso da cegueira histérica,

(...) é como se a repressão houvesse sido exagerada pelo ego, e como se tivesse despejado a criança com a água do banho: o ego se recusa a ver outra coisa qualquer, agora que o interesse sexual em ver se tornou tão predominante (Freud, 1910:202).

A novidade neste texto, é que o eu até então um dos pólos do conflito defensivo e portanto, designado apenas através das funções de recalque, resistência e teste de realidade, que lhe são atribuídos, recebe aqui um suporte pulsional, sendo assim, o conflito subjacente às neuroses aparece agora claramente como o resultado do embate entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu.

No entanto esta concepção teórica sobre as pulsões determina um certo número de problemas, cuja elucidação conduz ao abandono da dicotomia sexualidade/auto-conservação e à sua substituição pela dupla vida/morte.

Estas teorias sobre a pulsão se complementam. A segunda vem modificar e reequilibrar a primeira, e o eixo em torno do qual ocorre esta evolução é o momento intermediário do narcisismo (Laplanche, 1988:20).

Quando esta substituição se instala em *Além do Princípio do Prazer*, estamos já na fase final da elaboração da segunda tópica de Freud. No entretempo as pulsões de auto-conservação são de início identificadas com as pulsões do eu, mas a descoberta do narcisismo impõe uma modificação nas concepções a este respeito.

Para entendermos esta substituição fazem-se necessários alguns esclarecimentos acerca do conceito de narcisismo. Passaremos ao estudo deste conceito e sua relação com a emergência na teoria psicanalítica, do conceito de pulsão de morte.

2.6

Da teoria do narcisismo à emergência de uma nova teoria pulsional.

O tema do narcisismo²² é um dos mais importantes na obra freudiana e um marco na evolução conceitual da psicanálise.

Em relação ao nosso estudo esse tema é de extrema relevância, pois aborda os problemas mais profundos das relações entre o eu e os objetos, das quais participam ativamente os dois grupos de pulsões.

O narcisismo é apontado por Freud a partir de 1914 como um estágio de desenvolvimento da libido necessário à constituição da subjetividade. Seria, portanto, condição de formação do eu, designando uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal.

Nesse trabalho Freud analisa as relações entre o eu e o objeto externo, o conceito do ideal do eu e do agente auto-observador que a ele se relaciona. Tudo isso virá a compor o superego, que, em 1923, surgirá em o *Ego e o id*.

Freud justifica o narcisismo como um modo de funcionamento libidinal posterior ao auto-erotismo. Trata-se de um investimento libidinal numa imagem do eu que agora possui uma unidade e que vai se opor ao corpo não unificado do auto-erotismo. Este seria uma forma de funcionamento libidinal prévia à unificação do eu, onde as pulsões estariam produzindo satisfação local em

²²Tomamos como sabido o mito de Narciso, que se apaixona por sua própria imagem refletida num lago, e que inspirou o termo usado por Freud.

diferentes partes do corpo, na tentativa de reeditar a experiência primária de satisfação. O narcisismo ao contrário, implica o eu.

Sabemos que duas questões ocupavam o centro das atenções de Freud quando ele escreveu o artigo de 1914. A primeira dizia respeito à distinção entre libido do eu e libido do objeto, a segunda era de como articular a teoria da libido com a psicose.²³

Este artigo nasce como uma tentativa de resolução de um problema colocado em pauta por Jung, que demandava de Freud formulações a respeito da esquizofrenia - ou demência precoce.

Esta patologia era o principal interesse de Jung, cuja correspondência com Freud, iniciada em 1906, nos fornece importantes elementos quanto à origem do conceito de narcisismo.

Jung questionava Freud, no tocante à questão do investimento objetal na esquizofrenia. Ao contrário de Freud, para Jung o investimento objetal se mantém mesmo na psicose, enquanto para Freud há uma retirada da libido da realidade externa, um recolhimento ao eu, sem qualquer reinvestimento objetal nos moldes do que acontece na neurose.

Além disso, na concepção junguiana a energia psíquica que Freud chamou de libido, não era necessariamente sexualizada, mas neutra.

O texto sobre o narcisismo é claramente uma réplica a Jung, uma demonstração da aplicabilidade da teoria sexual às psicoses, firmando de uma vez por todas a sexualidade como um modo de funcionamento do aparelho psíquico. O questionamento de Jung, foi de suma importância, pois contribuiu na produção de uma nova ordem teórica, que tem como consequência o desmantelamento da primeira tópica e o desenvolvimento posterior da teoria da pulsão de morte. (Pinheiro, T., e Jordão, A., 2000:17)

•

Vimos que em sua primeira formulação da teoria das pulsões, Freud defende uma concepção dualista na qual distingue a pulsão sexual das pulsões de

²³ Quando se fala de libido em Freud estamos falando de uma energia psíquica, da expressão anímica da pulsão sexual.

auto-conservação ou pulsões do eu. Enquanto a energia da pulsão sexual é a libido, as pulsões de auto-conservação ou egóicas colocariam sua energia – “interesse” – a serviço do eu, visando à auto-conservação do indivíduo.

Com a introdução do conceito de narcisismo em 1914, a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do eu, sofre um abalo na medida em que o conceito de narcisismo torna patente que as pulsões sexuais podiam retirar a libido investida nos objetos e fazê-la voltar sobre o próprio eu; constituindo-se em libido narcísica.

Ora, se o eu é também objeto de investimento das pulsões sexuais, e esta é a referência central do conceito de narcisismo (a de que o sujeito mantém com seu próprio eu, uma relação amorosa), como distinguir entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais, já que o próprio amor ao eu é também de ordem sexual?

Afirmar o eu como objeto de amor, abre questões que tornam frágil a teoria pulsional proposta por Freud, e ele se vê obrigado a revê-la.

O que fica evidente a partir do conceito de narcisismo é que o próprio eu transforma-se em objeto de investimento libidinal; logo a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do eu (entendidas como não sexualizadas), perde seu sentido, já que o conceito de narcisismo aponta para uma sexualização do eu.

É neste ponto que Freud vai distinguir entre libido do eu e libido objetual. Isso explicaria a possibilidade da libido tomar como objeto de investimento o próprio eu ou um objeto externo.

Esta idéia de uma libido, que ora toma o eu por objeto, ora algo que lhe é exterior, em parte nos aproxima da teoria jungiana, que propunha dentre outras coisas uma libido única, primordial, que poderia ser sexualizada ou não.

Somente em 1920, Freud procede a uma revisão dessa teoria, quando unifica as pulsões sexuais e egóicas sob o nome de pulsões de vida, contrapostas à pulsão de morte.

Em uma longa nota de rodapé inserida no final do capítulo VI do *Além do Princípio do Prazer*, Freud sintetiza a evolução sofrida pela sua teoria das pulsões. Lembra que a hipótese da libido do Eu o obrigou a rever o conceito de pulsão sexual, que se transformou em parte de *Eros*, a pulsão de vida. O outro pólo do primeiro dualismo - as pulsões do Eu - inicialmente designava todas as tendências pulsionais menos conhecidas, que se diferenciavam das pulsões

sexuais dirigidas ao objeto. Contudo a descoberta do caráter libidinal das pulsões do Eu o levou a substituir o antigo dualismo, e a partir daí:

(...) essas pulsões narcisistas e autoconservadoras tiveram de ser incluídas entre as pulsões sexuais libidinais. A oposição entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais transformou-se numa oposição entre as pulsões do ego e as pulsões do objeto, ambas de natureza libidinal (Freud, 1920:82).

No lugar da antiga oposição, surgiu outra donde as pulsões libidinais (egóicas e de objeto) foram opostas à pulsão de morte.

O que se observa no desenrolar da trajetória teórica freudiana é como um giro da teoria sobre si mesma, uma constante revisão dos pontos de vista anteriormente apresentados, como também a novos desenvolvimentos que conservam sua atualidade até hoje. (Pinheiro, T., e Jordão, A., 2000:19) O próprio artigo de 1920, intitulado *Além do Princípio do Prazer*, é uma revisão, já que a partir dali a teoria das pulsões toma outra direção. A originalidade deste texto é a introdução do conceito de pulsão de morte, que como veremos vai ser inferido por Freud pela observação dos fenômenos de repetição.

Além de modificações na teoria pulsional, o que vamos observar a partir do que é enunciado na obra de 1920, é uma reformulação da metapsicologia que diz respeito, sobretudo aos limites de validade do princípio do prazer. (Garcia-Roza, 1999:72)

Aqui será necessário um pequeno desvio, antes de entrarmos nas considerações sobre a repetição compulsiva, para apresentarmos o que é o princípio do prazer e de que forma este princípio está envolvido na teorização freudiana sobre a pulsão de morte, já que a pulsão de morte aparece em Freud, como aquilo que está *além do princípio do prazer*.

2.7

Além do prazer

Desde o *Projeto* de 1895, Freud concebe o aparelho psíquico como regulado por uma tendência a eliminar tensões (excesso de excitação), ou pelo menos reduzi-las ao nível mínimo necessário para o funcionamento do organismo.

A este modo de funcionamento Freud inicialmente chamou de *Princípio de constância*. Segundo este modelo de funcionamento, o aumento da excitação provoca uma sensação de desprazer, enquanto que a descarga da mesma resulta na sensação de alívio ou prazer.

O *Princípio de Prazer* decorre do *Princípio de Constância*, que aparece pela primeira vez nos *Estudos sobre a Histeria*. Ali Breuer o define como “a tendência a manter constante a excitação intracerebral” (Freud, [1893-1895]:205) e o atribui a Freud, que por sua vez vai tratar do assunto em seu *Projeto para uma Psicologia Científica*.

Naquele momento de sua produção teórica, Freud concebeu um aparato psíquico regulado pelo princípio da inércia neuronal²⁴, funcionando no sentido de se ver livre dos estímulos, e isso seria possível através da descarga de Q recebida.

Em Freud, o que justifica o Princípio do Prazer é a idéia de que o aparato psíquico esforça-se por manter a excitação tão baixa quanto possível, e que quando a excitação atinge níveis elevados dentro do sistema, ocorre uma descarga que proporciona alívio. A este mecanismo que regula a descarga de estímulos e evita o desprazer, Freud deu o nome de Princípio de Prazer.

Contudo, no texto de 1920, Freud se questiona sobre os fatores que poderiam contradizer a idéia de que “o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer” (Freud, 1920:17).

À medida que desenvolve a teoria pulsional e introduz concepções mais elaboradas sobre estes mecanismos de lidar com a estimulação, Freud observa alguns fatos, tanto na esfera da normalidade, quanto na da patologia, que impõe uma revisão radical da teoria: O Princípio de prazer não reina soberano, há algo que é anterior a sua supremacia. Tais fatos: os neuróticos sonham com os acidentes que originaram seus traumas, uma criança reproduz simbolicamente as ausências da mãe, a reação terapêutica negativa e a experiência da repetição na transferência, obrigam Freud a repensar a questão do prazer. Ele conclui:

²⁴ Segundo Paes de Barros (1975), no capítulo I, da primeira parte do *Projeto*, Freud vai apresentar o Princípio de constância como resultante da modificação do Princípio de inércia. Assim, a tendência neurônica primitiva, para o nível tensional zero, é substituída pela tendência ao nível tensional mínimo possível (isto é, a um nível constante).

(...) é incorreto falar na dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte *tendência* no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças, ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer (Freud, 1920:20).

Nestas linhas a pergunta que se depreende é a seguinte: Se evitar o desprazer e atingir o prazer é o objetivo precípua do aparato, como poderíamos explicar a ocorrência de episódios de angústia, tais como a ocorrência de sonhos de angústia, os fenômenos da neurose traumática, a reprodução de situações desprazerosas na relação transferencial ou a reação terapêutica negativa? Tais situações não engendram prazer, mas se repetem dentro da análise e fora dela. A este fenômeno Freud deu o nome de compulsão à repetição.

2.8

A repetição compulsiva

A primeira vez que o conceito de compulsão à repetição aparece na obra freudiana é no texto de 1914, intitulado *Recordar, repetir e elaborar*, quando Freud o designou como uma maneira do paciente recordar aquilo que foi recalcado. “Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a essa compulsão à repetição; e no final, compreendemos que esta é sua maneira de recordar” (Freud, 1914: 197).

Contudo, nesse trabalho, como sublinhou Lacan²⁵, a repetição ainda não apresenta seu estatuto mais radical, destacado por Freud em *Além do princípio do prazer*. Em 1914, a repetição ainda confunde-se com uma forma específica de rememoração, isto é, a presentificação em ato de determinados elementos da história do sujeito que não foram rememorados. Desencadeada pela ação da resistência - resistência à regra fundamental da associação livre, que implica em trazer à palavra, em simbolizar as moções pulsionais recalçadas -, e na vigência do

²⁵ Em seu Seminário 11, intitulado *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

vínculo transferencial, a repetição surge nesse momento ²⁶, para Freud, no lugar da rememoração.

A noção freudiana de neurose de transferência está relacionada com a possibilidade de o sujeito presentificar na transferência, suas questões neuróticas. Para Freud, a elaboração é o modo pelo qual a experiência analítica permite fazer face às resistências que se opõem à emergência dos componentes pulsionais recalçados. “Nesse sentido, a elaboração confunde-se com o próprio trabalho analítico, na medida em que este visa essencialmente à simbolização” (Coutinho, J., 2002: 60).

Passados cinco anos, desta primeira definição de compulsão à repetição, Freud vai enunciar em um artigo intitulado *O estranho*, algo que será articulado efetivamente no ano seguinte, em *Além do princípio do prazer*; ou seja, a necessidade de dar conta de certos fenômenos que indicam uma repetição pura a operar no sujeito, embora, aqui, a repetição ainda não apareça vinculada à pulsão de morte:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos (Freud, 1919:297).

Freud acrescenta ainda que o que quer que esteja ligado à esta compulsão à repetição é percebido como estranho. Ele exemplifica isto com um fato ocorrido com ele, quando durante um passeio numa cidadezinha do interior da Itália, viu-se retornando repetidamente, e de modo “involuntário”, ao mesmo quarteirão da zona de prostituição.

Como já indicamos antes, é no texto de 1920, que o conceito de compulsão à repetição adquire valor central, na teorização do conceito que estamos investigando - o de pulsão de morte.

²⁶ Em 1914.

Para compreender a radicalidade do estatuto da repetição, tal como introduzido por Freud em *Além do princípio do prazer*, é preciso destacar a estreita vinculação estabelecida por ele entre esta e a pulsão de morte. É através da análise dos fenômenos que indicam uma repetição pura a operar no sujeito insistentemente, que ele se vê levado a conceber a pulsão de morte. Tais fenômenos são principalmente, a repetição de sonhos traumáticos, a repetição na transferência, o brincar infantil e a reação terapêutica negativa.

A repetição aparece sob a forma de uma compulsão. De origem inconsciente e difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, reproduzindo antigas experiências. Numa análise estas repetições acontecem o tempo todo. Os pacientes repetem na transferência todas essas circunstâncias aflitivas e a função do analista é segundo Freud:

(...) forçar tanto quanto possível o canal da memória, e permitir que surja como repetição o mínimo possível (...) Deve fazê-lo reexperimentar alguma parte de sua vida esquecida, mas deve também cuidar, por outro lado, que o paciente retenha certo grau de alheamento, que lhe permitirá, a despeito de tudo, reconhecer que aquilo que parece ser realidade é na verdade, apenas reflexo de um passado esquecido (Freud, 1920:32).

A novidade que é digna de nota é que a compulsão à repetição aparece não sob a dominância do princípio de prazer, mas como algo que escapa a essa dominância. O conteúdo repetido pelo neurótico na situação transferencial é marcado com o mais profundo desprazer para todas as instâncias psíquicas.

(...) a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos pulsionais que desde então foram reprimidos (Freud, 1920:34).

Se isso que se repete sob a pressão de uma compulsão, apenas conduz ao desprazer, então “... existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer” (Freud, 1920:36).

Para usarmos as palavras do metapsicólogo, haveria “algo mais elementar e mais pulsional que o princípio do prazer” (Freud, 1920:37), que se expressaria pela compulsão à repetição.

Mas se é fato que há repetição e isso não se discute, então como explicá-la? Ou melhor, a que finalidade ela serve?

Justamente o propósito do quarto capítulo do *Além do Princípio de Prazer* é “(...) conhecer algo sobre ela, aprender a que função corresponde, sob que condições pode surgir e qual é sua relação com o princípio de prazer”.²⁷

Aqui mais uma vez somos advertidos, de que não há proteção possível, contra os estímulos internos, contra “as excitações que provém de dentro” (Freud, 1920:44). Este estado de coisas tem como consequência que o sistema Cs.²⁸, encontra-se entregue sem defesa às sensações de prazer e de desprazer.

Para ilustrar a posição do sistema Cs. frente a processos excitatórios que provém do interior do aparelho psíquico, Freud retoma o exame das neuroses traumáticas que ele define como “quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (Freud, 1920:45).

Quando ocorre um trauma, se produz um distúrbio de tal ordem no funcionamento da economia energética do aparelho, que o princípio de prazer é posto fora de ação, e sendo assim não é mais possível impedir que o aparelho psíquico seja invadido por grandes quantidades de excitação, ou de energia em estado “livre”. Resta ao organismo tentar dominar as quantidades de energia que irromperam. Isto equivale a “ligá-las” aos outros focos energéticos existentes para poder imobilizá-las e depois descarregá-las.

Para conseguir este objetivo o organismo convoca toda a energia disponível e realiza um ‘contrainvestimento’, à custa do empobrecimento de todos os outros sistemas psíquicos; o caráter paralisante da dor atesta isto. O resultado é uma redução e até uma paralisação, das funções psíquicas remanescentes.

O objetivo deste contrainvestimento seria imobilizar o influxo de novas quantidades de excitação, e transformá-las em cargas energéticas quiescentes, ou ligadas. Neste sentido, para que o princípio de prazer possa atuar, é necessário antes dominar o volume de excitação, e é mediante a repetição que o organismo

²⁷Idem.

²⁸A consciência seria um sistema específico que constituiria a fronteira, ou interseção entre o exterior e o interior. Sua “sede” estaria localizada no “córtex cerebral, a camada mais externa, envolvente do órgão central” (Freud, 1920:39). Ela funcionaria como um envelope que se acha voltado para o mundo externo e envolve os outros sistemas psíquicos.

obtém este controle. É repetindo que o organismo tenta ganhar o controle da situação, se preparando para perigos futuros. A repetição serve para desenvolver angústia no sujeito, para preveni-lo de traumas futuros. Há na ansiedade algo que prepara seu sujeito contra o susto, nos diz Freud.²⁹

No caso dos sonhos traumáticos o que se observa é que o paciente é conduzido de volta à situação em que o trauma ocorreu. Estes sonhos correspondem a um outro objetivo que deve ser realizado antes que a realização de um desejo, antes que o princípio de prazer possa mesmo começar³⁰. Tem por finalidade fazer nascer no sujeito um estado de ansiedade cuja omissão foi a causa da neurose traumática. Estes sonhos segundo Freud:

Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar o desprazer (Freud, 1920:48).

Aqui é a primeira vez que se faz uma exceção à proposição de que todo sonho é a realização de um desejo. Na verdade os sonhos que observamos nas neuroses traumáticas, obedecem antes à compulsão à repetição. Isso não implicaria, entretanto, segundo Freud uma negação de sua função posterior, apenas parece que:

a função dos sonhos, que consiste em afastar quaisquer motivos que possam interromper o sono, através da realização dos desejos dos impulsos perturbadores, não é a sua função *original* (Freud, 1920:49).

O que Freud introduz nestas passagens é uma tese decididamente nova. Há processos que suspendem a ação do princípio de prazer, ou melhor, há na repetição algo de mais pulsional que o prazer. Esta tese nos traz um problema, afinal o prazer por definição seria o correlato do alívio resultante da descarga exigida pela pulsão. Então o que significa dizer que a repetição é mais pulsional que o prazer?

²⁹ Op. cit. p. 24.

³⁰ Antes desta proposição, Freud afirmou que o sonho seria a realização de um desejo. (Freud, 1900:132)

Voltemos um pouco no tempo para respondermos nossa pergunta, mais especificamente em 1915, no artigo *As Pulsões e suas vicissitudes*. Ali, Freud define a pulsão pelos seus elementos, isto é, pela sua fonte, por sua finalidade, pelo seu objeto e por sua força, ou capacidade de exercer pressão. Estes quatro elementos vão marcar certo circuito percorrido pela pulsão, que parte da fonte em direção ao alvo, contornando o objeto e retornando à fonte, onde voltará a pressionar. Logo a repetição é pulsional assim como a pulsão é repetitiva. Há na pulsão algo que impele à repetição e contra isto não há defesa possível.

De fato Freud vai começar o quinto capítulo de *Além do princípio de prazer*, nos informando que a ausência de qualquer escudo protetor frente às excitações provindas de dentro, lhes dá uma importância econômica comparável às neuroses traumáticas, na causação de distúrbios psíquicos. As fontes mais abundantes dessa excitação interna são as pulsões que constituem “os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica” (Freud, 1920:51).

Ele prossegue dizendo que os impulsos que surgem das pulsões, pertencem ao tipo de processos livremente móveis, que pressionam para descarregar. Podemos conhecer estes processos pelo estudo dos sonhos, através do que os descobrimos como os processos dos sistemas inconscientes, sob a forma de processos primários. Concluindo, os impulsos pulsionais obedecem ao processo primário, enquanto a finalidade do processo secundário é justamente ligar a energia destes impulsos e canalizá-la para objetos e alvos sintônicos com o Eu.

Lembremos que a tarefa do aparelho psíquico seria dominar a excitação pulsional. Quando isto não é possível ocorre a neurose traumática. Enquanto essa finalidade não for alcançada, a dominância sem entraves do princípio de prazer (e de seu substituto, o princípio de realidade) não será possível. Até então “... a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o” (Freud, 1920:52).

Neste ponto, Freud volta a se debruçar sobre a questão da compulsão à repetição, cujas manifestações nos diz ele, “apresentam em alto grau um caráter pulsional”.³¹

Ora, não só o aparato recebe repetidamente do interior excitações pulsionais comparáveis às excitações traumáticas, como as manifestações da compulsão à repetição são um atributo essencial das excitações pulsionais.

Nós já vimos como o predicado de ser repetitiva se articula à pulsão; mas afinal “como o predicado de ser ‘pulsional’ se relaciona com a compulsão à repetição?” (Freud, 1920:53).

É a partir daí que Freud introduz aquilo que ele vai designar como pulsão de morte definindo-a como:

(...) um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.³²

A visão de Freud neste artigo é a de que todos os seres vivos teriam uma tendência para a autodestruição.

A reflexão sobre esta tendência de retorno ao estado anterior, levou Freud ao conceito de pulsão de morte. Esta tendência da pulsão de morte, que restabelece formas menos diferenciadas, menos organizadas, opõe-se a um outro movimento pulsional, definido pelo estabelecimento e manutenção de formas inversas a estas, e que apresentam um aumento das diferenças de nível energético entre o organismo e o meio. Este outro movimento pulsional é encabeçado pelas pulsões de vida.

Assim é introduzida a pulsão de morte em *Além do princípio do prazer*, tendo sido desde então designada na teoria freudiana, como uma categoria que se opõe á pulsão de vida e que tende para a redução completa das tensões.

³¹ Idem.

³² Ibidem.

A pulsão de morte radicaliza o objetivo pulsional de redução de tensão, porque seu alvo é a redução à zero, a morte da tensão. Neste sentido ela é auto-destrutiva, porque vai abolir a diferença quantitativa entre o prazer da satisfação exigido e o que é realmente alcançado, o que se constitui no fator propulsor para novas tensões.

3

A pulsão de morte e a vida psíquica

3.1

Uma nova tópica

Já dissemos que, se a diferenciação que efetuamos na mente de um id, um ego e um superego, representa qualquer progresso em nosso conhecimento, deveria capacitar-nos a compreender mais integralmente as relações dinâmicas dentro da mente e a descrevê-las mais claramente (Freud, 1923:55).

Veremos como Freud vai apresentar uma nova configuração de aparato anímico, a partir da elaboração de sua segunda tópica. A partir da introdução do conceito de pulsão de morte na teoria psicanalítica, a primeira tópica, herdada da *Interpretação dos sonhos*, passará por uma revisão completa.

O que tínhamos como parâmetro, na primeira tópica, para pensar todo o campo freudiano, era a divisão dos processos psíquicos em conscientes e inconscientes. Os pensamentos inconscientes se dividiam em duas categorias: aqueles capazes de vir à consciência em determinadas circunstâncias, e que, portanto recebiam a designação de **pré-conscientes**, e aqueles que eram considerados **propriamente inconscientes**, incapazes de chegar à consciência, porque barrados pelo recalque. Esta caracterização descritiva da primeira tópica qualifica a **Consciência, o Pré – consciente e o Inconsciente**, como sistemas diferenciados por modos específicos de funcionamento. Sendo a fronteira entre os dois primeiros e o terceiro, estabelecida através da censura. (Mezan, 1991:269).

Em Freud, o inconsciente inclui o recalcado, contudo quando escreve *O Inconsciente* somos alertados de que “o recalcado não abrange tudo que é inconsciente. O alcance do inconsciente é mais amplo: o recalcado é apenas uma parte do inconsciente” (Freud, 1915:191). Se aqui Freud conclui que o inconsciente abrange o recalcado, mas não se esgota nele, ele também não precisa até onde vai esta amplitude do inconsciente.

Naquele ponto de sua elaboração teórica, tudo que sabíamos é que o inconsciente incluía o recalcado e que o conflito defensivo se dava entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. Apesar de que a introdução do conceito de narcisismo, em 1914, como vimos, vai trazendo problemas a esta configuração de aparato. Com a introdução deste conceito, o Eu passa a ter um componente libidinal, que não se reduz à finalidade de auto-conservação.³³

Foram duas ordens de fatores que sugeriram a Freud uma revisão na estrutura do aparelho mental, conforme estava proposto na sua primeira tópica:

1) A primeira, de ordem clínica, refere-se ao fato de que as resistências ao processo analítico são inconscientes também, apesar de derivadas do eu e servirem ao propósito de manter os recalques. A conclusão é que:

Deparamo-nos com algo no próprio ego que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o recalcado- isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente (Freud,1923:30).

2) A segunda é que como demonstramos no capítulo anterior, as pulsões do eu, a partir da introdução do conceito de narcisismo, passam a ter um componente libidinal irreduzível à auto conservação; e passam a ser absorvidas pelas pulsões de vida no quadro do remanejamento da teoria pulsional que se inicia em 1920, inaugurando o tema da pulsão de morte. E assim, não só as bases pulsionais do eu são reafirmadas, como também a característica de ser em parte inconsciente,

(...) começa a perder significação para nós. Torna-se uma qualidade que pode ter muitos significados, uma qualidade da qual não podemos fazer, como esperaríamos, a base de conclusões inevitáveis e de longo alcance (Freud,1923:30/31).

³³Sobre este assunto ver tópico 1.6.

A reelaboração da teoria das pulsões sugere para Freud uma nova tópica. Haveria um pólo pulsional no psiquismo, oposto ao eu - o pólo organizado. Em 1923, este pólo pulsional, vai receber o nome de *Isso*.³⁴

O conflito defensivo deixa de se dar entre o consciente e o inconsciente, como nos textos da primeira tópica, e será marcado pela oposição pólo pulsional (*Isso*) / pólo organizado ou defensivo (*Eu*). Assim em 1923, consciente e inconsciente ficam apenas como meras qualidades psíquicas e não mais designam sistemas que organizam a atividade anímica. A topografia de 1915 é então derogada. “Daí a proposta de reconsiderar a geografia da mente, não mais em função de ser ou não ser inconsciente, mas segundo o critério do desejo” (Mezan, 1991:270). Já que o que está em jogo aqui é a satisfação pulsional.

A correlação de forças, na segunda tópica freudiana, apresenta de um lado o eu, de outro a realidade e seus representantes, incluindo aí o supereu e os ideais, e de outro as pulsões, de vida e de morte, formando o *isso* que significa em Freud: *as paixões indomadas*. (Freud, 1933:98)

A novidade que Freud nos informa neste texto, ao qual nos referimos, é que se de um lado o eu tem por núcleo o sistema perceptivo, cuja sede é a consciência; por outro, parte dele é inconsciente e mergulha na instância do *isso*, do qual ele é apenas o invólucro exterior.

Na fronteira entre o *Eu* e o *Isso*, estão as resistências, exercidas pelo eu, que funcionam no sentido de manter o recalque³⁵. Apesar disto, a eficiência das resistências é contestável, haja vista a presença dos atos falhos, dos sonhos e dos sintomas neuróticos na vida cotidiana. Isto prova que o material recalcado pode comunicar-se com o eu e enviar representantes, apesar de seus esforços para mantê-lo afastado.

³⁴ O termo foi introduzido por George Groddeck, em 1923 e utilizado por Freud no mesmo ano, na revisão de sua tópica proposta em *O ego e o id*, para designar uma das três instâncias psíquicas, ao lado do eu e do supereu. O *isso* é concebido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente. É considerado como a primeira instância tanto do ponto de vista filológico como ontogenético. É a partir dele que as outras instâncias se constituem e se desenvolvem.

³⁵ Em seu artigo *Inibição, Sintoma e angústia* (1926), Freud vai falar que são três as resistências oriundas do *Eu*: A primeira, é a resistência do recalque, que mantém inconscientes os impulsos incompatíveis com o *Eu*. A segunda vem da transferência, que reaviva o material recalcado, mas repetindo-o na análise, ao invés de lembrá-lo. (Ver, *Recodar, repetir e elaborar* [1914]). A terceira resistência do *Eu*, advém do ganho proveniente da doença, e representa segundo Freud, “uma não disposição de renunciar a qualquer a satisfação ou alívio que tenha sido obtido” com o sintoma (Freud, 1926: 184).

Originando-se do isso e formando seu invólucro organizado, agora nomeadamente, o eu retira suas energias do reservatório pulsional do isso, de modo que o controle das pulsões é feito com a própria carga energética que elas proporcionam. A gênese pulsional do eu, é assim afirmada com todas as letras.

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt.-Cs.*; (...). Além disso, o ego procura aplicar a influência direta do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade (...) (Freud, 1923:39).

O que faremos agora é investigar de que forma a pulsão de morte vai participar de processos importantes na vida psíquica, e inclusive sua relevância na constituição do próprio aparato, que no quadro da segunda tópica freudiana, será pensado em termos de três instâncias: Eu, Isso e Supereu.

É notável que a pulsão de morte freudiana possa ter na dialética interna do trabalho psíquico, uma outra função que não aquela de obstáculo a ser superado. Seguramente, que muitas vezes Tanatos desempenha o papel de obstáculo, porém paradoxalmente acreditamos que há uma implicação positiva da pulsão de morte no trabalho psíquico.

3.2

A fusão pulsional

Se, portanto, não quisermos abandonar a hipótese das pulsões de morte, temos de supor que estão associadas desde o início, com as pulsões de vida (Freud, 1920:78).

Se quisermos compreender a contribuição efetiva da pulsão de morte para a vida psíquica, levar em conta a fusão pulsional, torna-se uma condição necessária em todo estudo sobre a teoria da pulsão de morte em Freud. Isto

porque, pelo menos até este ponto da trajetória freudiana sobre as pulsões (1920), manifestações pulsionais, todas elas, resultam da mesclagem das duas pulsões.³⁶

A tese defendida por Freud é que, desde o início da vida, pulsões de vida e de morte encontram-se amalgamadas e em conflito. Este fato nos coloca diante de mais um problema a superar se quisermos falar da pulsão de morte, já que, pelo menos até aqui, esta nunca aparece como tal. Ela é silenciosa, só aparecendo intrincada com a pulsão de vida.

André Green (1988) pontua que a hipótese do conflito originário opondo os dois grupos de pulsões está na base tanto da teoria psicanalítica geral, quanto na teoria da pulsão de morte. Para ele, a tese do conflito pulsional fundamental responde em Freud à exigência,

(...) de explicar o fato de que o conflito é repetível, deslocável, transportável e que sua permanência resiste a todas as transformações do aparelho psíquico. É esta constatação que obriga Freud a postular teoricamente um conflito original, fundamental e primeiro, que coloca em jogo as formas mais primitivas da atividade psíquica, o que explica sua inflexibilidade quanto ao dualismo pulsional (Green, 1988:61).

Contudo, Ana Rudge adverte que muito embora Freud tenha proposto a noção de Tanatos, no quadro de uma oposição entre pulsões de vida e de morte, para defender o dualismo, não é a oposição das pulsões que fundamenta o conflito psíquico, “já que as pulsões primárias são tomadas, ambas, como estando em ação de forma difusa no psiquismo todo, e em qualquer de suas instâncias”. Para a autora, os conflitos psíquicos que estão na gênese dos quadros psicóticos e neuróticos, são resultado do embate entre isso, eu e supereu, sendo que as pulsões estão sempre intrincadas em todas estas instâncias e “não dão conta do conflito psíquico”(Rudge, 2005:3).

Quaisquer que sejam as divergências sobre a interpretação dos fatos clínicos e as teorias postuladas para explicá-los, os psicanalistas se reconhecem,

³⁶ Já que a pulsão de morte só vai ganhar uma autonomia em relação à sexualidade em 1930, no artigo *O mal estar na civilização*, quando aparecerá como destrutividade autônoma. Ou seja, uma modalidade de destruição, de agressão não erótica, desvinculada da sexualidade. Trataremos deste assunto adiante.

no postulado fundamental de que, é impossível dizer o que quer que seja da pulsão de morte, sem se referir ao outro termo do par que ela forma com a pulsão de vida, numa articulação conceitual indissociável, seja porque estão fusionadas em todas as instâncias psíquicas, seja porque simplesmente não há como falar de pulsão, sem levar em conta este duplo estatuto a que Freud as reduz.

A oposição dos modos de funcionamento das duas pulsões foi afirmada por Freud, do início de suas formulações sobre a pulsão de morte, até o final de sua obra.

Já em seus *Três Ensaio sobre sexualidade* (1905), Freud identificou um componente sádico na pulsão sexual, que ele tomou como primário. Em 1920, quando da ampliação-aprofundamento de suas concepções sobre o prazer-desprazer, ele atribuiu o sadismo à ação da pulsão de morte, que fora afastada do eu pela ação da libido narcísica:

Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente uma pulsão de morte que, sob a influência da libido narcísica, foi expulsa do ego e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? (...) Poder-se-ia verdadeiramente dizer que o sadismo que foi expulso do ego apontou o caminho para os componentes libidinais da pulsão sexual e que estes o seguiram para o objeto (...) (Freud, 1920:74).

Nessa descrição do sadismo a destrutividade se dirige ao objeto, mas tem sua fonte pulsional no sujeito. Como bem observa Rosenberg (2003:28), isto marca uma evolução interessante, porque pelo menos do ponto de vista de sua fonte, há uma interiorização da destrutividade, o que nos coloca a um passo da teoria sobre o masoquismo originário, que Freud irá elaborar mais tarde e que examinaremos detalhadamente adiante. Aqui ficaremos apenas com a indicação de que a teoria do masoquismo original consiste, em conceber uma destrutividade que não apenas tem sua fonte pulsional no sujeito, mas que ao mesmo tempo visa e dirige-se, em primeiro lugar, ao próprio sujeito. Isso implica uma reformulação já que na teoria anterior o sadismo foi considerado primário, e o masoquismo, um retorno do sadismo ao eu.

Retornando ao texto freudiano, o que esta passagem prenuncia, é um conceito fundamental na doutrina da pulsão de morte, e que nos interessa de perto: o conceito de fusão pulsional.

Até este ponto (1920), o que Freud estabeleceu é que nenhuma das pulsões apresentava-se em seu estado puro, que as pulsões de morte e as pulsões de vida estavam sempre misturadas e que é através da sexualidade que a pulsão de morte encontra alguma expressão, como fica bem evidente através do exemplo do sadismo.

É importante para nós entender como agem as pulsões que, por definição, agem em conjunto. Num dos últimos textos freudianos, publicado depois de sua morte, o *Esboço de psicanálise* (1938), a ação conjunta e oposta das pulsões está bastante nítida:

Depois de muito hesitar e vacilar, decidimos presumir a existência de apenas duas pulsões básicas, *Eros e a pulsão destrutiva*. (...) O objetivo da primeira dessas pulsões básicas é estabelecer unidades cada vez maiores e assim preservá-las — em resumo, unir; o objetivo da segunda, pelo contrário, é desfazer conexões e, assim, destruir coisas. No caso da pulsão destrutiva, podemos supor que seu objetivo final é levar o que é vivo a um estado inorgânico. Por essa razão, chamámo-la também de *pulsão de morte* (Freud, 1938:173).

Como vimos em Freud, até o final de sua obra, esta ação das pulsões sobre o objeto pode ser de ligação ou de destruição, e a ação de uma não se reduz à outra. Trata-se de um duplo investimento objetual, tanto de ataque desagregador da pulsão de destruição, cuja meta é dissolver nexos e destruir as coisas do mundo, quanto de ligação da libido, que procura produzir unidades cada vez maiores e assim conservá-las. Assim, em oposição à pulsão de vida, a pulsão de morte é tomada como uma força que quebra as relações, isto é como uma força de desligamento.

É baseado nisso que Lacan defende no *Seminário 7*³⁷, que a pulsão de morte deve ser entendida como “vontade de destruição direta”, como princípio de disjunção, no sentido de desfazer as formas conservadas pela pulsão sexual. É a pulsão de morte que responde pela constituição das diferenças. Ele escreve:

³⁷ Em seu Seminário 7, Lacan dedica um capítulo exclusivamente ao conceito de pulsão de morte.

(...) é exigível que, nesse ponto do pensamento de Freud, o que está em questão seja articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Mas ela é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar (Lacan, 1960:260).

Entendida desta maneira, o que a pulsão de morte possibilita a partir da destruição é o surgimento de novas configurações, é o recomeço, como vontade de outra coisa. Colocando em causa tudo o que existe, impede a permanência das totalidades já constituídas, exige a criação do novo. Enquanto vontade de destruição direta, a pulsão de morte rompe as ligações já estabelecidas e impede a repetição do mesmo.

Também retomando Freud, Rosenberg (2003) afirma que as pulsões atuam lado a lado, e neste processo de investimento “bipulsional” do Eu e do objeto, a libido pode ter maior ou menor sucesso em ligar e limitar os efeitos da pulsão de destruição sobre o objeto. Diz ainda que para que se constitua uma “unidade” do objeto, é necessário que a libido consiga conservá-lo, assim como é preciso que a pulsão de morte não consiga desagregá-lo. Contudo, para que se consiga este efeito, é preciso que no interior do objeto mantido pela libido, a pulsão de morte possa estabelecer diferenciações internas que constituirão a riqueza e a complexidade deste objeto. Ele conclui que é a ação diferenciada da pulsão de morte que torna possível, da parte do sujeito, uma relação nuançada com o objeto, porque a ação da pulsão de morte introduz esta diversidade não só no interior do objeto isoladamente, mas no mundo objetual como um todo.

Neste sentido, é a ação da pulsão de morte, enquanto princípio disjuntivo que responde pela constituição das diferenças. Quem o mostra é o Professor Luiz Alfredo Garcia-Roza, autor da trilogia intitulada *Introdução à metapsicologia freudiana*:

Se estivéssemos submetidos apenas à ação das pulsões de vida, tenderíamos a dissolver as diferenças numa grande união final. Por Eros (...) sequer conseguiríamos sair do estado inicial de um narcisismo original, estado afetivo indiferenciado, anterior à constituição do eu (Garcia-Roza, 1990:157).

A diversidade dos fenômenos da vida é, portanto, resultante da ação conjunta e antagônica das duas pulsões fundamentais.

Nesta linha, Eero Rechardt, um outro comentador de Freud, dirá que as representações da pulsão de morte constroem as estruturas da vida e aumentam a capacidade de manobra da libido. Sublinha ainda, sobre a questão da intrincação pulsional: “Eros e a pulsão de morte formam juntas um sistema binário particular onde um não existe sem o outro. Juntos podem criar uma infinidade de formas de vida e de morte” (Rechardt, 1988:55).

A fusão pulsional, portanto, conjuga pulsões de vida e de morte, que desta forma amalgamadas, aparecem permanentemente em conflito. Conflito este que marca a presença originária da sexualidade e da destrutividade. Opostas por natureza, pulsões de vida e de morte coexistem, demarcando uma divisão originária do ser humano.

Em *Além do princípio do prazer*, há um fenômeno clínico fundamental, que exemplifica a ação da pulsão de morte e dá provas da fusão pulsional. Esse é o fenômeno do sadomasoquismo que apresenta de forma bastante evidente elementos de sexualidade e destrutividade.

Freud termina por concluir que o sadismo é uma parte da pulsão de morte que é desviada do sujeito e que recai sobre o objeto. Contudo, esta operação de desvio só pode ser realizada por intermédio de Eros, que por sua natureza, volta-se para o exterior em busca de produzir ligações. Daí deriva um novo ponto de vista. A idéia de que antes e originalmente, o sujeito é masoquista: “A descrição anteriormente fornecida do masoquismo exige uma emenda por ter sido ampla demais sob um aspecto: pode haver um masoquismo primário, possibilidade que naquela época contestei” (Freud, 1920:75).

Esta passagem leva a uma mudança metapsicológica essencial, que é muito importante para nosso trabalho, pelo elo que liga o fenômeno psíquico do masoquismo à teoria da pulsão de morte.

3.3

Masochismo erótico primário e pulsão de morte

Esse masochismo seria assim prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre a pulsão de morte e Eros se efetuou (Freud, 1924:205).

A hipótese da pulsão de morte levou Freud a conceituar o masochismo erótico primário como um estado primeiro em que a pulsão de morte é dirigida para o próprio indivíduo, ligada e fundida à libido. Só posteriormente, a pulsão de morte estaria voltada para um objeto exterior, tendo como meta a destruição deste objeto.

Em *O problema econômico do masochismo* (1924), Freud vai expor três formas de masochismo: O masochismo erótico primário, o masochismo feminino e o masochismo moral. Mas, antes de expor as três formas de masochismo, ele propõe uma discussão sobre as relações do princípio do prazer com o masochismo.

Sendo o masochismo definido como um prazer na dor ou em termos metapsicológicos, um prazer no desprazer, temos aí algo que recoloca em questão o funcionamento do princípio do prazer. Perspectiva esta que estava aberta desde 1920, com *Além do princípio do prazer* (1920). Embora incorrendo em uma citação muito longa, vejamos como Freud explica o problema que a tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos coloca ao programa do princípio do prazer:

A existência de uma tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos pode corretamente ser descrita como misteriosa desde o ponto de vista econômico. Pois se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, o masochismo é *incompreensível*³⁸. Se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas, em realidade, objetivos, o princípio de prazer é paralisado — é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga (Freud, 1924: 287).

³⁸ O grifo é meu.

Assim, em Freud, por um lado há uma tendência masoquista na vida pulsional dos seres humanos, por outro, há a antiga teoria do princípio do prazer, e será preciso que a teoria leve isso em conta.

A *incompreensibilidade* do masoquismo, desta tendência humana original para o sofrimento, será tomada como ponto de partida de uma modificação da teoria psicanalítica, principalmente no que se refere ao princípio do prazer. O que o fato clínico do masoquismo evidencia é que o desprazer deixa de ser um aviso vital, passando a ser uma meta em si mesmo. Sendo assim, situado numa posição masoquista, um sujeito pode renunciar à satisfação das necessidades vitais e colocar deste modo a vida em perigo (Freud, 1924:287). A partir desta problemática, Freud vai concluir que:

(...) não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão.(...) O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (...), embora obviamente muito tenham a ver com esse fator (Freud, 1924:287).

Nesta passagem, o que fica evidente, é que o ponto de vista quantitativo da excitação, não é suficiente para definir o prazer e o desprazer, já que um aumento da tensão da excitação pode ser sentido como prazer em algumas condições.

É o fenômeno clínico do masoquismo, que nos demonstra, que alguns aumentos de tensão, que são da ordem da dor ou do desprazer, podem ser vividos como um prazer.

Lembremos que desde sempre, a noção de desprazer em Freud correspondia ao aumento da excitação interna, em função das necessidades da criança.³⁹ Esta excitação só podia ser detida pela satisfação da necessidade, que aplacando o estado de urgência, dava lugar aquilo que Freud chamou de experiência de satisfação.

Vimos como a criança é capaz de satisfazer-se alucinatoriamente, reeditando a percepção da experiência de satisfação. Contudo, esta satisfação alucinatória do desejo conduz invariavelmente ao desapontamento, por ser apenas um adiamento da satisfação real. Este adiamento é uma primeira inscrição do

³⁹ Sobre este assunto ver o tópico sobre a experiência de satisfação.

desprazer no psiquismo e está na base do princípio de realidade, portanto, é fundamental para o desenvolvimento futuro da criança.

Sabemos que o objetivo de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida suprimindo o estado de excitação na fonte da pulsão. Esta satisfação será sempre parcial porque, em se tratando de pulsão, não é possível eliminar completamente o estímulo que flui continuamente.⁴⁰

Estamos vendo que para pensar a questão da satisfação em Freud, é preciso levar em conta toda uma economia da dor. É preciso levar em conta a situação descrita pelo masoquismo, tal como Freud apresentou-a formalmente na metapsicologia, em *O problema Econômico do masoquismo*, e também a pulsão de morte. Afinal o masoquismo primário que “(...) jaz ao fundo também das outras duas formas” (Freud,1924:201), corresponde a um estado de fusão pulsional. Há um paradoxo no mecanismo do masoquismo originário. É o masoquismo primário que transforma o prazer em um processo que inclui não apenas a descarga, mas também a excitação. É este núcleo masoquista do eu, constituído originalmente, que permite ao sujeito, suportar a excitação, que de outro modo seria um desprazer insuportável. Isto sugere que graças à ação primária da pulsão de morte e da pulsão de vida intrincadas, o sujeito consegue suportar as frustrações ordinárias da vida, sem ter que recorrer à dissolução da vida, através de uma descarga total e imediata. (Rosenberg,2003:108)

Rosenberg defende a hipótese de que o que Freud apresenta com o masoquismo erógeno primário é uma espécie de mecanismo de proteção contra a pulsão de morte. É que por estar amalgamada à pulsão de vida, a satisfação plena da pulsão de morte é inviável. Assim sendo, o masoquismo primário assegura a sobrevivência do eu, porque impede desta forma sua destruição.

Este pensamento parece encontrar eco, nas palavras de Sándor Ferenczi⁴¹, que afirma que o masoquismo, tem um papel importante em todo ato de adaptação, quando do momento do reconhecimento do mundo externo. Ele conclui que: “Uma destruição parcial do ego é tolerada, mas apenas com a

⁴⁰ Cf. Freud, S., *As Pulsões e suas vicissitudes*, p. 18

⁴¹ Ferenczi concorda com Freud, quanto à hipótese de um masoquismo original. Também para ele, a pulsão de destruição se volta contra a própria pessoa, e somente no decorrer do desenvolvimento dirige-se para fora.

finalidade de construir, a partir do restante, um ego capaz de resistência ainda maior”⁴² (Ferenczi, 1926:321).

Dito em outras palavras, sem o masoquismo erógeno, definido como fusão pulsional primária, a lei de funcionamento da pulsão de morte, expressa pelo princípio de Nirvana⁴³, tenderia a levar a melhor, excluindo toda a excitação da matéria orgânica, fazendo-a voltar ao estado inorgânico.

Na situação descrita pelo masoquismo erógeno, “não se trata de satisfazer essa pulsão, mas de encontrar um meio de não satisfazê-la: não se trata de encontrar os meios de espera-adiamento da satisfação, mas de impedir, pelo máximo de tempo possível, sua satisfação” (Rosenberg, 2003:93).⁴⁴

Se o masoquismo constava na metapsicologia, desde os *Três Ensaio*s (1905) apenas como um dos destinos da pulsão - retorno da pulsão sádica ao eu, aqui Rosenberg acrescenta um novo ponto de vista, afirmando com Freud que ele é originário⁴⁵, e sugerindo que ele se torna essencialmente o meio por excelência de não satisfação da pulsão de morte, já que está fundida com a libido. E é justamente pela ação de Eros, amalgamado à Tanatos, que tal fato se dá, em benefício da preservação da vida.

Ele sustenta que a satisfação da pulsão de morte é a redução da excitação ao nível zero - a descarga absoluta; e o que define o masoquismo erógeno primário, é justamente o prazer no aumento da excitação. Assim, este núcleo masoquista do eu, primariamente constituído, tem por função assegurar a continuidade da excitação, evitando deste modo a necessidade de uma descarga imediata, que em outras palavras representaria uma ruptura na vida psíquica.

Contudo, se de um lado o masoquismo erógeno poderia ser visto como uma proteção contra a destrutividade interna, como diz Rosenberg, por bloquear a ação da pulsão de morte e impedir a dissolução do eu, de um outro lado, este mecanismo, quando exacerbado pode tornar-se extremamente ameaçador, e é este o paradoxo do masoquismo erógeno primário, que vem a ser ao mesmo tempo

⁴² *A partial destruction of the ego is tolerated, but only for the purpose of constructing out of what remains an ego capable of still great resistance.*

⁴³ O princípio de Nirvana vem a ser um termo derivado do budismo e da filosofia de Arthur Schopenhauer, proposto pela psicanalista inglesa Barabara Low e posteriormente retomado por Freud, em *Além do princípio do prazer*, para designar uma tendência do aparato psíquico a aniquilar qualquer excitação.

⁴⁴ Referindo-se à pulsão de morte.

⁴⁵ Não se trata mais de um sadismo que retorna ao Eu.

uma forma de expressão importante da pulsão de morte. “O masoquismo corresponderia a um resto de pulsão de morte que não foi desviada para fora pela libido através do aparelho muscular, como pulsão de destruição, domínio ou poder”. (Rudge, 1998:62)

Como bem coloca Rosenberg (2003), o masoquismo pode ser guardião da vida, mas pode também ser mortífero ao siderar o funcionamento normal da libido e da auto-conservação, podendo levar o sujeito à morte.

Ele cita o exemplo das anorexias mentais graves, que demonstram como o masoquismo pode substituir a satisfação das necessidades vitais, provocando a morte. Neste caso, para ele trata-se de um investimento masoquista da excitação da fome.

Um outro exemplo, desta ação mortífera da satisfação masoquista, encontra-se nos casos de mutilações graves que alguns psicóticos se infligem. Neste caso a satisfação masoquista bloqueou a satisfação da pulsão de vida e de auto-conservação, tornando-se profundamente ameaçadora.

Assim o ‘masoquismo mortífero’ pode ser definido como “... *um masoquismo que deu certo demais*. Isto quer dizer que o sujeito investe masoquistamente todo o sofrimento, toda a dor, todo o território do desprazer, ou quase” (Rosenberg, 2003:109).

Quando o sujeito encontra seu prazer exclusivamente na excitação dolorosa, por um superinvestimento da mesma, em detrimento do prazer da descarga, temos um verdadeiro masoquismo patológico. Este é o caso das anorexias mentais, por exemplo. Neste caso se produz um deslocamento da satisfação objetal (descarga), à excitação. Ocorre um abandono do objeto. No limite, este superinvestimento masoquista da excitação tende a enfraquecer as defesas do eu, em especial a projeção.⁴⁶

Se a pulsão de morte tem que ser deslocada para o exterior é porque ela ataca primeiramente o sujeito. Vimos que antes mesmo que a pulsão de morte possa ser desviada para um objeto externo, ela encontra-se amalgamada à pulsão

⁴⁶A projeção (ou deslocamento para o exterior) é para o Eu arcaico, uma espécie de defesa primária fundamental contra a ameaça de destruição interna vinda da pulsão de morte. Este mecanismo defensivo, promove uma drenagem para o exterior da maior parte da pulsão de morte. A outra parte que não participa deste desvio para o exterior, permanece no interior do Eu, onde encontra-se ligada libidinalmente, a serviço da função sexual, constituindo-se no núcleo do masoquismo erógeno primário.

de vida no interior do organismo, e nesta fusão primordial reconhecemos com Freud, o núcleo original do masoquismo.

Concluimos com Freud, que existe uma equivalência da fusão pulsional primária ao masoquismo erógeno primário. Dito em outras palavras, o eu primário é masoquista. O eu não pode se formar sem que a pulsão de morte esteja ligada, caso contrário pode ser destruído. Assim, a fusão pulsional primária, que é equivalente ao masoquismo erógeno primário, é contemporânea da primeira forma de organização do eu.

Portanto, esta presença originária da pulsão de morte atada à pulsão de vida, constitui-se como o primeiro passo da constituição do aparato psíquico.

3.4

Masoquismo moral, Supereu e Pulsão de morte.

A restrição à agressividade do indivíduo é o primeiro e talvez o mais severo sacrifício que dele exige a sociedade. Temos verificado de que maneira simplista se conseguiu domar essa coisa indomável. A instituição do superego introduz um destacamento armado (...), nas regiões inclinadas à rebelião. (Freud,1933:137)

Vimos que Freud fala de três tipos de masoquismo no artigo sobre *O problema econômico do masoquismo* (1924). Todos eles são em graus variados, expressões do masoquismo erógeno primário. Contudo a forma descrita por Freud como masoquismo moral, será muito importante para nosso estudo, justamente pelo fato “de ele originar-se da pulsão de morte e corresponder à parte desta pulsão que escapou de ser voltada para fora, como pulsão de destruição” (Freud,1924:212).

Aquilo que Freud considerava como exemplo por excelência do masoquismo moral, era a reação terapêutica negativa – o fato de o paciente agravar sua neurose no decorrer do tratamento, justamente nos momentos em que se esperaria uma mudança positiva, porque uma nova compreensão havia sido atingida. Freud reporta este fenômeno à existência de um sentimento inconsciente

de culpa ⁴⁷. Tudo se passa como se a miséria neurótica tivesse o caráter de expiação de um crime, e como se a sua cura acarretasse punições muito severas. Para ele, o sentimento de culpa é derivado da severidade com que o supereu trata o eu (Freud, 1923:49).

Este problema é amplamente discutido no texto de 1924, que estamos analisando. Das três formas de masoquismo distinguidas – a feminina, a erógena e a moral – é esta última que se relaciona diretamente com o supereu. O masoquismo moral é o desejo de sofrer por sofrer, como ilustra o fenômeno clínico da reação terapêutica negativa, sem que este sofrimento provenha do objeto sexual. A fonte desta tendência à dor e ao sofrimento, é a crítica do supereu.

No processo acima descrito, é a parte da pulsão de morte que escapou de ser voltada para fora como pulsão destrutiva que será aproveitada pelo supereu para finalidades punitivas. Sobre este elo que liga pulsão de morte e supereu, Eero Rechardt diz que:

Inicialmente, a destrutividade do supereu luta para apaziguar as relações libidinais da criança com seus pais. Tentando acalmar esta relação de importância primordial(...), a pulsão de morte é intransigente: os interditos morais lutam pela paz por meio da destruição pura, pois o que perturba no plano moral é absolutamente mau e deve ser destruído. (Rechardt, 1988:54)

Isto indica para nós, que a pulsão de morte engrossa o caldo do supereu, participando de sua origem, o que demonstra sua importância na economia psíquica, de modo geral.

•

O termo supereu em Freud remonta à noção de um ideal do eu, cuja origem é narcísica. Lembremos que na etapa narcisista, o sujeito é investido de

⁴⁷ É paradoxal a expressão “sentimento inconsciente de culpa”, já que Freud considera, no artigo *Inconsciente*, que “a possibilidade do atributo da inconsciência seria completamente excluída no tocante às emoções, sentimentos e afetos” (Freud, 1915, p.182). A conclusão é que nenhum afeto é recalcado, apenas a idéia ligada a ele é que pode sofrer recalque. Para dar conta desse problema, Freud sugere uma mudança de termos, passando a utilizar o termo “necessidade de punição” ao invés de sentimento inconsciente de culpa, um termo menos rigoroso, já que é próprio do sentimento se tornar consciente, ser sentido.

uma onipotência que, somente diante das críticas dos pais e dos educadores, vai sucumbir, promovendo a passagem do que Freud chamou de eu-prazer para o eu-realidade.⁴⁸

Para livrar-se da humilhação que aponta para as verdadeiras dimensões e capacidades do eu, o sujeito elabora para si um ideal, que não é nada menos que seu narcisismo perdido e que ele vai perseguir como algo que o norteia, na tentativa de restaurar a onipotência perdida.

A formação deste ideal se faz acompanhar de uma instância auto-observadora, que critica o eu, e que Freud chamou de consciência moral, que vem a ser responsável pelo sentimento de culpa. Em *Luto e Melancolia* (1915), por exemplo, Freud nos fala de uma divisão do eu, de modo que uma parte dele vai se comportar como algoz da outra, trazendo um sentimento de culpa inconsciente, cuja ação podemos observar nos sintomas da melancolia.

Em *O ego e o id* (1923), referindo-se à melancolia, Freud introduz a idéia de que toda a agressividade derivada da pulsão de morte é introjetada no supereu do sujeito e é direcionada contra seu eu. Sendo assim, na melancolia “o que está influenciando agora o supereu é, por assim dizer, uma cultura pura da pulsão de morte e, de fato, com bastante freqüência ela obtém êxito em impulsionar o eu à morte” (Freud, 1923:69).

Para dar conta da severidade assumida pela instância superegóica diante do eu, Freud evoca a defusão pulsional, como um processo que estaria na origem do supereu. É que na identificação com o pai tomado como modelo ocorre uma desintração pulsional, como consequência da dessexualização ou sublimação envolvida necessariamente na identificação, cujo papel na formação do supereu é fundamental:

⁴⁸ É no artigo de 1911, intitulado *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, que Freud apresenta a distinção que existe entre o eu-prazer e o eu-realidade. Ali, o Eu era tido como suporte das pulsões de auto conservação. O Eu-realidade, supunha um enlace entre as pulsões de auto-conservação e as “exigências da vida”, já que estaria submetido ao Princípio de realidade, enquanto que o Eu-prazer, submetido ao princípio do prazer, esforça-se apenas para alcançar prazer. “(...) ele nada pode fazer a não ser querer, trabalhar para produzir prazer e evitar o desprazer, assim o ego-realidade nada necessita fazer a não ser lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos” (Freud, 1911:283). Esta hipótese de um desenvolvimento do Eu, é um dos motivos que conduz Freud a postular o narcisismo. É que existe uma mudança no plano do funcionamento psíquico, com a entrada do princípio de realidade. Antes disto, a criança se constitui como um sistema fechado no interior do qual não é possível distinguir sujeito e objeto. Somente quando há ausência de satisfação, este sistema fechado é rompido, e o aparato é compelido a reconhecer a existência de uma exterioridade, o que provoca uma disjunção entre externo e interno.

Após a sublimação, o componente erótico não tem mais o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição (Freud, 1923:71).

Assim o componente destrutivo, que se tornou independente seria típico de uma defusão pulsional e será essencial para entendermos a formação do supereu freudiano. Este componente destrutivo desintrincado - que é a parte da pulsão de morte expulsa pelo eu; será re-introjetado pelo eu em formação, constituindo a um só tempo o supereu primitivo. É esta volta que alimenta continuamente o supereu de pulsão de morte. Constituído primariamente por esta volta de pulsão de morte, anteriormente projetada pelo eu, nos parece inevitável falar de identificação, cujo papel na constituição do supereu é fundamental.

Apesar do conceito de supereu só aparecer formalmente na obra freudiana em 1923, na elaboração da segunda tópica, sua origem pode ser remontada a momentos anteriores da elaboração teórica freudiana. Um dos textos em que os antecedentes do supereu estão melhor representados é *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), onde Freud introduz os conceitos de ideal do eu e do agente auto-observador a ele relacionado. Estes conceitos formam a base daquilo que Freud irá descrever posteriormente como o supereu. É somente no terceiro capítulo de *O Ego e o Id*, que será introduzido formalmente por Freud o termo supereu. Ali ele tenta estabelecer sua gênese na identificação com os pais, mais especificamente no contexto do Complexo de Édipo. Seremos informados que o resultado do período edipiano é a formação de um *precipitado* no eu, que inclui as identificações relacionadas ao pai e à mãe. Esta modificação do eu:

(...) se confronta com os outros conteúdos do eu como um ideal do ego ou Superego. (...) A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: 'Você *deveria* ser assim (como o seu pai)'. Ela também compreende a proibição: 'Você *não pode* ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele' (Freud, 1923:49).

Esta passagem do texto freudiano ressalta que o modelo paterno vai servir como referência para a evolução do eu. Se o pai representa a autoridade, *ser como*

ele inclui a interiorização da autoridade. Por esta razão, o supereu é também visto como *herdeiro do complexo de Édipo*.

É assim que, entre a exigência de ser como o pai, e a proibição de se colocar no lugar dele (proibição do incesto), o supereu se instala como função crítica e interditora, que vigia o eu para que ele não se desvie do caminho traçado por su*s identificações e por seus modelos, que é aquilo que vai nos orientar na distinção entre o que é bom e o que é mau, entre o que deve e o que não deve ser feito. E como bem lembrado pelo professor Luiz Alfredo Garcia –Roza, Freud nos mostra em *O mal estar na cultura* que: "(...) o bem em questão, é o bem do outro, e o que Freud nos mostra é que agir segundo essa moral não nos livra da culpa, ao contrário, quanto mais nos fazemos dóceis à cultura, mais ela nos exige. O supereu não é complacente com os bons (...)" (Garcia-Roza,1990:160).

De fato a crueldade do supereu pode atingir um grau extremamente forte. Sua ferocidade tem relações com um outro aspecto que se destaca ainda neste texto (1923) e que nos interessa de perto: o de ser um representante do isso. É que Freud nos informa, que topograficamente, o supereu está bem próximo do isso e mais distante da consciência do que o eu.⁴⁹ É graças a esta proximidade com o isso, que o supereu pode atuar como seu representante (Freud,1923:65). Pelo fato de estar tão próximo do isso, que é também a sede da pulsão de morte, devemos esperar encontrar na ação do supereu, elementos que se originam nela, e que podem torná-lo "tão cruel quanto somente o id pode ser" (Freud,1923:71).

Em um dos seus mais recentes trabalhos, intitulado *Pulsão de morte como efeito de Supereu*⁵⁰, Ana Rudge (2005) trata diretamente do enlace que une pulsão de morte e Supereu. A autora retoma Lacan, ao dizer que a noção de pulsão de morte em Freud, apesar de ter sido introduzida a partir de bases na Biologia, deve ser entendida para além de uma pura tendência de reconduzir o que é vivo ao estado inorgânico. Ela diz com razão, que esta hipótese por si só, não explica diretamente as questões relacionadas à destrutividade humana, que se apresentavam para Freud na clínica, tais como: "as neuroses traumáticas e

⁴⁹ Uma das novidades deste artigo de 1923 é o fato de que dada a dupla determinação do supereu, ele é em grande medida inconsciente. De um lado ele deriva do Complexo de Édipo e por outro lado, ao mergulhar no isso, sua origem é pulsional.

⁵⁰ No prelo.

manifestações masoquistas, como a reação terapêutica negativa e os auto-ataques, que solicitavam serem levados em conta na teoria” (Rudge, 2005:4).

Tanto o masoquismo, como a reação terapêutica negativa, fenômenos clínicos que atestam a ação da pulsão de morte, “são manifestações da tirania de um supereu sádico sobre o eu” e Rudge nos relembra ainda, que estes fenômenos são retomados em 1926, “sob uma nova rubrica: a de resistência do supereu” (Rudge, 2005:5). Defende a idéia de que o Supereu se constitui “como uma ferramenta teórica fundamental sem a qual o entendimento da operação da pulsão de morte na experiência psicanalítica, assim como seu manejo, não se torna possível” ⁵¹. Esta tese é bastante fecunda e aparece como uma alternativa metapsicológica bastante mais sustentável do que pensar a pulsão de morte simplesmente como uma força que visaria transformar o animado em inanimado.⁵²

De fato, no artigo *Inibição, sintoma e angústia*, ao qual a autora faz referência, Freud vai falar de cinco tipos de resistência ao tratamento, as quais o analista tem que combater e “que emanam de três direções – o ego, o id e o superego” (Freud, 1926: 184).

A quinta variedade de resistência descrita por Freud, é a resistência do superego, qualificada por ele como *a mais obscura*. Esta, segundo ele, parece “originar-se do sentimento de culpa ou da necessidade de punição, opondo-se a todo movimento no sentido do êxito, inclusive, portanto à recuperação do próprio paciente pela análise” (Freud, 1926:185).

O que se lê em Freud, é que esta tendência masoquista originária do ser humano, que se constitui como a maior fonte de resistência ao tratamento, tem sua gênese na relação com os adultos primeiros, e se perpetua no supereu sádico que mantém uma relação com o eu masoquista.

Este aspecto primário do supereu é retomado da teoria freudiana, no artigo de Rudge do qual falávamos há pouco. Ela sustenta que Freud fala do supereu não

⁵¹Idem.

⁵²Sobre a hipótese freudiana da pulsão de morte entendida como uma tendência ao inorgânico, Luiz Alfredo Garcia Roza vai apresentar a idéia defendida por Dorey em seu artigo: *Realité de la perte, réalité de la mort en psychanalyse*, que considera que no caminho em direção à redução completa das tensões, o aparelho psíquico produz algo em função da ação da pulsão de morte, que é a constituição do objeto. Assim, a finalidade última da fusão pulsional, que seria a homeostase, teria sido ultrapassada pelo surgimento da diferenciação sujeito-objeto. Sobre este tema: Cf., GARCIA-ROZA, L., A., (1999), In. *Acaso e repetição em Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 78/79.

só como *herdeiro do complexo de Édipo* (1923), mas também como *o núcleo do eu* em seu texto sobre o humor (1927b), e que isso sugere, em relação ao eu, que “o supereu é seu ponto de origem, o mais arcaico” (Rudge, 2005:6).

Ao tratar da origem do supereu em 1923, Freud diz que por trás de sua origem está a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, e prosseguindo nesta linha, afirma que: “trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua *mais primitivamente do que qualquer investimento de objeto*”⁵³ (Freud, 1923:45/46). Esta passagem corrobora a hipótese de um supereu primário, anterior ao Édipo.

Este supereu arcaico surge no primeiro momento de vida onde ainda não se estabeleceu a diferenciação entre eu e não-eu, e como resultado de uma identificação com o supereu dos pais. Vale dizer que este supereu primário, tal como o de Klein⁵⁴, ainda não é o *herdeiro do complexo de Édipo*, que aparecerá mais tarde no processo de desenvolvimento do eu.

Esta tendência masoquista moral, que aparece na clínica como reação terapêutica negativa, sentimento de culpa, necessidade de punição, etc, tem sua fonte na crítica cruel do supereu, que se expressa como consciência moral. As críticas do supereu serão tão mais severas, quanto mais o sujeito renunciar à satisfação das suas pulsões e, portanto, reprimir a sua agressividade contra os outros. Isso cria a paradoxal situação de que quanto mais busca ser virtuoso, eximindo-se de atormentar seu semelhante, mais atormentado pelo supereu o sujeito será. Esta é a conclusão de Freud no artigo *O ego e o Id*, e nos conduz diretamente ao tema de o *Mal estar na cultura*, quando ele vai responsabilizar o mal estar na cultura por esta dialética superegóica.

⁵³ O grifo é meu.

⁵⁴ Segundo Melanie Klein, o supereu não apenas precede o Complexo de Édipo, mas também promove seu desenvolvimento. Quando começou a analisar crianças, na década de 1920, através da técnica de brincar (*play technique*), inspirada nas observações de Freud, quanto ao brincar infantil, ela lançou nova luz sobre as relações de objeto primitivas da criança. Seguindo a simbolização e a repetição da criança, de relações de objeto e ansiedades mais primitivas, na transferência, ela foi levada a ver que as relações de objeto da criança se prolongavam pelo passado, exatamente até uma relação com objetos parciais, tais como o seio e o pênis. Ela descobriu, que a ansiedade suscitada por essas primitivas relações objetais exerciam uma forte influência nas relações posteriores e na forma do Complexo de Édipo. A psicanalista concluiu que, a pressão das ansiedades produzidas por objetos maus internalizados, em crianças muito pequenas, constituía já um supereu tão severo, quanto ameaçador. Para Klein, o supereu da criança é até mais cruel que o do adulto, que tem o eu mais forte. Sobre as primitivas relações de objeto da criança e sua relação com o supereu primário na teoria kleiniana, ver (Segal, H., 1975: 12/20).

Já sabemos que a violência impiedosa com que o supereu, exerce sua função normativa, atesta que ele é uma das formas pelas quais a pulsão de morte mostra o seu poder e se é verdade que o supereu é o núcleo do eu, há que se supor também vestígios da ação da pulsão de morte na gênese do eu.

3.5

A pulsão de morte e a gênese do Eu.

Wo Es war, soll ich werden (Freud, 1933:103).

Mesmo nas funções que lhe são próprias, como a consciência e o pensamento lógico, o eu traz em si um substrato pulsional. É que por originar-se do isso, o eu tem sua gênese na pulsão, que em Freud é desde o início dupla: Eros e Tanatos são irreduzíveis um ao outro. Suas manifestações são como já vimos, o produto de variadas fusões e defusões.

No quadro conceitual da segunda tópica, o eu passa a ser a camada exterior do isso, instância da qual se origina e frente a qual é preciso oferecer racionalizações que harmonizem as paixões e desejos do isso, com a realidade e a consciência moral. Freud adverte que:

(...) em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. (Freud, 1923:39)

Sem pretendermos ignorar as várias acepções que o conceito de Eu ganhou ao longo da evolução da teoria psicanalítica, aqui sublinharemos um aspecto desta teoria, que aponta para o momento de sua constituição, e que está diretamente ligado com a gênese do exterior e do interior que Freud tenta traçar em um sucinto, mas denso artigo intitulado, *A Negativa* (1925).

Freud propõe o termo *Verneinung*, para caracterizar um mecanismo de defesa, através do qual o sujeito exprime negativamente um desejo, ou uma idéia cuja presença ou existência ele recalca. Com a negação, portanto, o conteúdo recalcado aparece à consciência, porém recusado, isto é não assumido pelo

paciente. Normalmente a negação consiste em um “não sou eu”. Aqui no Brasil, também se usam os termos “denegação” e “negativa”, para expressar este fenômeno.

Já em 1911, em seu artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*, Freud introduz na teoria a oposição entre o eu-prazer e o eu-realidade, para falar da relação do Eu com o mundo exterior, e também das relações entre o Eu e as pulsões (mundo interno). Contudo, é somente no artigo de 1915 intitulado *As pulsões e suas vicissitudes*, que será feita uma distinção no sentido de opor o Eu ao mundo externo, fazendo coincidir o Eu-sujeito com o que é agradável e o mundo externo com o que é desprazeroso.

No artigo de 1925, Freud retoma o mesmo raciocínio:

Como demonstrei noutro lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos (Freud, 1925:297).

O que se esclarece ao longo deste artigo, é que este processo defensivo de introjeção e ejeção é correlativo do processo de constituição do Eu e do objeto. Freud nos informa que neste processo apresenta-se a ação das duas pulsões primárias. Da pulsão de vida como pulsão de unificação, e da pulsão de morte como pulsão de desunião.

Introjetar o que é vivido como bom e expulsar o que é vivido como mau, é o primeiro mecanismo defensivo do qual a criança lança mão, e vai demarcar para ela a diferença entre o que é interno e o que é externo.

Neste ponto recorreremos a uma análise preciosa deste artigo, que foi empreendida em 1954, por Jean Hyppolite, a convite de Jacques Lacan⁵⁵, e que certamente merece ser discutida neste estudo, porque nos conduz de volta ao texto freudiano, de forma muito esclarecedora.

De saída, Hyppolite propõe traduzirmos o título do artigo de Freud, *Die Verneinung*⁵⁶, por *A Denegação*. Na sua concepção, a denegação, expressa a negação de uma negação; o que resulta numa afirmação intelectual, daquilo que

⁵⁵ Hyppolite, J., “Comentário falado sobre a Verneinung de Freud” em : Escritos de J.Lacan.

⁵⁶ Este é o título do texto em alemão. Vamos encontrá-lo em GW, XIV, do qual constitui o segundo artigo, p.11-15 [“A Negativa”, ESB, XIX, Rio de Janeiro, Imago, 1974].

foi recalçado. Segundo ele, a denegação é "um modo de apresentar o que se é à maneira do não ser" (Hyppolite, 1954:895). Ele retoma do texto freudiano a idéia de que o que está envolvido na função da denegação (*verneinung*) é a suspensão (*Aufhebung*) do recalçamento, sem que isto signifique uma aceitação do recalçado.⁵⁷ Diz, seguindo as pegadas de Freud, que o recalçado subsiste negadamente, justamente sob a forma desta não aceitação, e que isto só se torna possível pela separação entre o intelectual e o afetivo, conduzindo assim o leitor à máxima freudiana de que: "Um juízo negativo é o substituto intelectual do recalçado" (Freud, 1925:297).

Com esta afirmação, o que Freud postula é que com o símbolo da negativa, que é *a marca distintiva do recalque*, o pensamento fica livre das restrições do recalçamento; sendo assim seu conteúdo ideativo pode atingir a consciência num modo negativo. Assim, a negação é um meio de todo ser humano tomar conhecimento daquilo que recalca em seu inconsciente. Através desse meio, o pensamento se liberta por uma lógica da negatividade das restrições que lhe são impostas pelo recalque (Freud, 1925: 296).

Mas Hyppolite chama atenção para o fato, de que a *Verneinung* da qual se fala no artigo freudiano, é mais do que uma separação entre a função intelectual e o processo afetivo, é propriamente o processo através do qual se constitui o que é intelectual. Para ele o que está em jogo para Freud, é a própria constituição do pensamento a partir do juízo de negação, resultando o intelectual, de uma suspensão do recalque. Esta suspensão (*Aufhebung*) está presente no ato de denegar, mas não é equivalente ao recalque, já que seu conteúdo persiste sob a forma da denegação, ou seja o recalçado é reconhecido de maneira negativa, sem ser aceito. "É isso, a meu ver, que é preciso admitir para compreender do que se fala nesse artigo, propriamente, sob o nome de denegação, ainda que isso não seja prontamente visível" (Hyppolite, 1954:896).

Em seguida, ele explica que esta origem do pensamento fica mais clara, quando pensamos na situação do analista que denuncia para o paciente sua atitude de denegação. Conclui que quando o paciente acolhe a denúncia do analista "(...) o psicanalista me obriga a aceitar em minha inteligência o que eu negava há

⁵⁷Cf. Freud, S. *A Negativa*; ESB, vol. XIX, p. 296.

pouco”, o que se dá é uma “negação da negação”(Hyppolite,1954:897). Ele dirá que a afirmação que daí resulta é uma afirmação intelectual apenas, que é diferente da afirmação primordial ⁵⁸ (afetiva), que por ainda não poder ser negada, é recalcada.

Sobre este momento da afirmação primordial, Luiz Alfredo Garcia-Roza explica, que ele se dá antes da aquisição da linguagem e da possibilidade da criança dizer 'não'. Para ele, esta afirmação primordial corresponderia à primeira forma de relação da criança com a mãe, sendo uma expressão direta do pulsional, anterior a qualquer forma de recalque. Só num segundo momento ocorreria uma negação dessa afirmação sob a forma do recalque originário. Mas adverte, contudo que:

(...) essa negação não é exercida pelo sujeito, mesmo porque o sujeito é o que vai resultar dessa negação e não o que a exerce. A fonte desse recalque é a exterioridade (a mãe), enquanto produtora de inscrições que fixam a pulsão ao representante ideativo (Garcia-Roza, 1999:76).

Retomando a teoria freudiana, haveria no começo um Eu que introjeta o que é bom e expulsa o que é mau. Mas pela lógica do que Freud nos apresenta, teoricamente a introjeção só pode ser posterior à expulsão, já que “A antítese entre subjetivo objetivo não existe desde o início” (Freud,1925:298). Em Freud, é justamente o mecanismo de expulsão, cujo sucessor será o juízo de negação que funda o externo. Portanto essa primeira negação leva a uma disjunção que separa o subjetivo do objetivo.

É assim que vemos aparecer em Freud a idéia de que a ação recíproca das duas pulsões primárias, estaria na origem do juízo:

Julgar é uma continuação, (...) do processo original através do qual o ego integra coisas a si, ou as expelle de si, de acordo com o princípio do prazer. A polaridade de julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de pulsões que supusemos existir. *A afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence à pulsão de destruição*⁵⁹ (Freud,1925:299/300).

⁵⁸ *Bejahung*.

⁵⁹ O grifo é meu.

Enquanto a afirmação é um substituto de Eros, a negação é o que resulta da expulsão e pertence à pulsão de destruição. O que Freud está apontando para nós aqui, é que é pela ação da pulsão de morte, que se dá a constituição do objeto e do próprio sujeito. A pulsão de morte está no cerne da separação entre o eu e o não – eu, e nesta medida é responsável pela constituição do psiquismo. Assim, a pulsão de morte que poderia ser vista como algo puramente negativo, adquire positividade na medida em que passa a ser considerada como um princípio de estruturação do psiquismo. Vemos nascer aqui, uma teoria do sujeito a partir do conceito de pulsão de morte.

Esta clivagem, é um efeito benéfico da pulsão de morte que, diferenciando assim sujeito e objeto, cria o objeto sem o qual a vida psíquica seria impossível. Lembramos que segundo Freud, logo no começo este objeto assim criado, “e o que é odiado são idênticos” (Freud,1915:158), e que em 1920, seremos informados que o ódio é uma expressão da pulsão de morte. Portanto podemos pensar que este objeto é criado por uma projeção da pulsão de morte. Nos termos do texto de 1925, esta expulsão primária é também uma negação primária – a sucessora da expulsão.

Tudo isto nos faz pensar, que esta projeção da pulsão de morte em proveito do eu, tem um valor existencial para o sujeito e para o aparelho psíquico. Trata-se de uma primeira colocação da pulsão de morte a serviço de Eros, já que se este desvio não se realizasse, a pulsão de morte terminaria por destruir os esboços deste eu primário em formação.

Em algumas patologias graves, não ocorre esta apropriação da pulsão de morte pelo eu. Sabemos o que acontece, por exemplo, no retorno maciço da pulsão de morte para o eu, como no caso da melancolia, a propósito da qual Freud fala do superego como *uma cultura pura da pulsão de morte*. (Freud, 1915:69)

A essência do mecanismo de denegação é justamente esta inversão da direção da pulsão de morte, que ao invés de permanecer no eu, orienta-se em *grande parte* para o objeto (Freud,1924:204). Paradoxalmente, da mesma forma, também Eros que por natureza deveria se orientar para os objetos, permanece no

interior em sua maior parte, como libido narcisista. Que falem por mim as palavras proferidas por Freud, em sua trigésima segunda conferência sobre psicanálise:

Chegamos a compreender que o ego é sempre o principal reservatório de libido, do qual emanam investimentos libidinais de objeto e ao qual eles retornam, enquanto a maior parte dessa libido mantém-se permanentemente no ego (Freud,1933:128).

Este constitui talvez o movimento defensivo mais fundamental do aparato psíquico, e resulta num enorme paradoxo acerca da condição humana, a de que o homem só consegue existir se desviar a maior parte de suas pulsões de seus alvos. Muito provavelmente não sobreviveríamos à satisfação plena de nossos impulsos eróticos e destrutivos, como se infere da concludente fórmula freudiana que pode ser lida nas *Novas Conferências de Introdução à Psicanálise: Wo Es war, soll ich werden* – onde era o isso, que advenha o eu. (Freud, (1933[1932]): 102) Esta constatação nos remete diretamente ao tema do artigo *Mal estar na civilização* (1930), que será também o assunto do terceiro capítulo deste estudo.

4

Thanatos e Civilização

4.1

Aspectos Gerais

É certo que falar da pulsão de morte nas formações da cultura é uma magna tarefa. Mas o sujeito pulsional e o cidadão culturalmente implicado, não são categorias excludentes. Nossa mente está no mundo e não no nosso cérebro, não podemos tratá-la como um domínio enclausurado em si mesmo.

É clássica a referência freudiana sobre o outro, sobre o estranho. O estrangeiro terá sempre uma faceta estranha e odiosa, mas sua presença é necessária para não permanecermos numa mesmidade mortífera, que nos leva a apodrecer, como descreve o mito de Narciso que definhou até virar flor pela falta de alteridade.

No capítulo anterior, vimos que a aversão ao que é estranho, nos momentos fundadores da constituição do sujeito, desencadeia toda uma série de movimentos projetivos, cuja finalidade é expulsar a pulsão destrutiva para fora do eu. Se por um lado, a destrutividade tem em si um efeito benéfico, parece-nos que a um só tempo, esta teoria sobre a constituição do sujeito freudiano, que no princípio rechaça o que é diferente de si, por força e expressão de seu narcisismo, poderia ser bem aplicada na explicação da gênese da xenofobia, por exemplo, tão atual em tempos como o nosso, em que assistimos o retorno de seitas e de religiões animistas, fundamentalismos étnicos, religiosos e nacionalistas. Estamos falando tanto dos Talibãs, quanto do *jhirad* islâmico, e do fundamentalismo ocidental e cristão, representado pelo atual presidente dos Estados Unidos, notadamente o senhor da guerra, que evocando seu antecessor⁶⁰, nos fala do *eixo do mal*, aonde alinha as nações que são contrárias a seus interesses de potência hegemônica.

⁶⁰ Ronald Reagan, falava do império do mal, para designar a antiga União Soviética.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud explica detalhadamente, isso que em 1930, ele vai retomar, e que chamou de *narcisismo das pequenas diferenças*, que é o fenômeno que predomina nos atos de segregação.

Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração.⁶¹(...) é inequívoco que, com relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar (Freud, 1921:129).

Freud é categórico, em relação ao indivíduo como também ao grupo, para que haja o *um* tem que haver o *outro*, e originalmente não existe harmonia entre eles. “(...) ou seja nada como um bom inimigo. Não se pode dizer que até o momento a história o tenha desmentido” (Soler, 1998: 299).

Em *O mal estar na civilização*, Freud evoca novamente ⁶² a rivalidade entre países vizinhos, entre o norte e o sul, entre o ariano e o semita e daí por diante. “É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade” (Freud, 1930:136). Em seguida chega a afirmar que o povo judeu prestou um serviço de grande utilidade à civilização, prestando-se a ser objeto das pulsões destrutivas, e ajudando portanto a drenar o contido no interior para o exterior.

Não é de hoje que o mundo assiste esta intolerância com a alteridade. Senão vejamos, o que dizer do *apartheid*, da ascensão do nazismo, da perseguição anti-semita e da Segunda guerra mundial, que conduziu à *Shoah* e à disjuntiva de morrer nos fornos, ou à diáspora para sobreviver? Pergunto-me se existe mais violência hoje do que em outros períodos da história da humanidade. A ocorrência de 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque contra o *World Trade Center* chocou a muitos de nós, mas terá sido mais violenta do que as Santas Cruzadas, do que o genocídio no Vietnã, do que as colonizações e a escravatura, além de uma

⁶¹ Como não evocar aqui as palavras do presidente atual da América que nos fala que *aqueles que não estão conosco, estão contra nós*.

⁶² Ele já o tinha feito antes em *Psicologia de Grupo e análise do eu*.

inumerável constelação de episódios que são marcas inegáveis da violência na cultura?⁶³

Já há muito, os vínculos entre a experiência analítica e a complexidade dos fenômenos sociais espreitam nossas indagações. Desde a invenção do mito da horda e da morte do pai primevo como fundador do laço social e da cultura (1912), Freud sela um enlace do nosso trabalho com as questões da civilização.

A fronteira entre psicanálise e cultura é complexa, e Freud indica que ao analisar a cultura com nosso instrumental, procedemos por analogia (Freud, 1939). Os enigmas são muitos e o campo de trabalho a ser explorado é de molde a nos solicitar, aos psicanalistas, a não recuar. Dentro de nossa clínica, os horrores do mundo atual invadem o espaço privado e se instalam nos nossos divãs, no fluxo discursivo dos pacientes. Os efeitos do público se fazem sentir no privado. Vemos como esta premissa é extremamente atual, muito embora ela já fosse presente quando Freud teorizou sua metapsicologia. Podemos tomar como exemplo, a instância do supereu, que inspirada na tragédia de Sófocles, é também a interiorização de proibições culturais, mediada pela figura dos pais e de seus sucedâneos. Este é um dos vetores metapsicológicos que sugerem uma relação de inclusão do singular no coletivo e vice-versa.

Neste contexto, a relevância de retomarmos a pulsão de morte, para entendê-la num outro cenário que não somente o psíquico, é que o jogo que se desenvolve, sob o pano de fundo de Thanatos, acaba por revelar características absolutamente humanas. Entre outras, que podem ser resumidas sob a égide de uma existência finita, uma das características que o conceito de pulsão de morte traz à baila, é a questão da destrutividade humana e no atual cenário global, este tema continua na ordem do dia, sendo fonte de preocupação para nós, tal como o era para Freud, quando o cunhou em seu *Além do princípio do prazer*, e tal como sempre o foi desde tempos imemoriais. Estas características que são a marca distintiva da pulsão de morte, remetem ao modo como pensamos ou descrevemos a natureza humana.

⁶³ Temos que acrescentar aqui o fato horrorizante, ocorrido recentemente, bem próximo a nós, quando uma menina de apenas 13 anos ateia fogo num ônibus repleto de pessoas; das quais cinco foram queimadas vivas.

Com efeito, para Freud, o homem é um ser predatório, egoísta, avesso ao trabalho, um lobo, no sentido de Hobbes ⁶⁴, que foi obrigado a fazer um pacto social com os outros homens para garantir sua sobrevivência. O problema é que este pacto exigiu um preço altíssimo. Custou à humanidade uma dolorosa *perda de felicidade* (Freud, 1930:158). Assim é que vemos desenhar-se em Freud, a tese de que entre as fontes desta infelicidade está a civilização, sem a qual não podemos sobreviver, mas que nos impõe sacrifícios e impedimentos à satisfação pulsional, que nos impedem de realizar o *programa do princípio do prazer*.

No plano de Eros, a humanidade foi forçada a abrir mão do incesto e da *perversidade polimorfa* ⁶⁵, em prol da sexualidade exogâmica, da genitalidade e da monogamia. No plano de Thanatos, o homem teve de renunciar a seus impulsos agressivos e voltá-los conta si próprio sob a forma de culpabilidade. Freud, é taxativo quanto ao fato: “Este é um dos perigos para a saúde com que os seres humanos se defrontam em seu caminho para o desenvolvimento cultural” (Freud, 1938:175). Assim, ao invés de conquistar satisfação plena pelas vias pulsionais, a humanidade teve um aporte de mal-estar, sob a forma de frustração e de sentimentos de culpa que aumentam a cada renúncia desta ordem (Freud, 1930:163).

Após esta reflexão, cabe, então, retornarmos mais uma vez ao texto de Freud:

(...) os homens **não são** ⁶⁶ criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* (Freud, 1930:133).

⁶⁴Thomas Hobbes utilizava uma expressão em latim que foi retomada por Freud, *Homo homini lupus*, que significa que o homem é o lobo do homem. Hobbes defendia a idéia de que na luta pelo poder, todos os homens são iguais, pois os homens por natureza teriam potencialidade para matar-se uns aos outros. Daí a necessidade de um Estado, para trazer segurança ao indivíduo que se sente ameaçado por seus semelhantes. (ARENDT, 1997:169).

⁶⁵ Termo usado por Freud, para descrever a sexualidade humana em 1905, no artigo *Três ensaios sobre a sexualidade*.

⁶⁶ O grifo é meu.

Neste caso o princípio desagregador, corresponde à inclinação originária dos homens para a agressividade, “(...) que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros” constituindo “o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio de energia” (Freud, 1930:134). A satisfação dessa agressividade é o que Lacan articula depois, retomando Freud, como um mal que “comporta o mal do próximo” (Lacan, 1960:225), mas que “(...) habita também em mim” (Lacan, 1960:227).

A partir daí, Freud desenvolve toda uma teoria que demonstra o caráter de autonomia da agressividade em relação à libido, passando a ser considerada como a mais pura expressão da pulsão de morte em seu direcionamento para o exterior e voltada para o próximo. Em 1930, ele aplica explicitamente, sua teoria da pulsão de morte ao domínio da civilização. Veremos neste último capítulo, como ao longo de sua argumentação naquele artigo, ela perde nitidamente o caráter de hipótese especulativa e passa a ser postulada como princípio explicativo tanto da gênese, como da evolução e da possível destruição da espécie humana civilizada.

Como sabemos a pulsão de morte - *Thanatos* tem sua contrapartida na pulsão de vida - *Eros*. No artigo de 1930, Freud conceberá a vida como a luta entre os dois grupos de pulsões. A relação de alteridade vai tomar uma importância crescente na elaboração teórica de Freud. Para ele, as relações intersubjetivas desde o início são dominadas pela ambivalência, determinadas, portanto, não só pela libido, mas também pelo ódio e pela agressividade contra os outros homens.

Munido dos conceitos de Eros como princípio de coesão, e da pulsão de morte como ferramenta de análise dos componentes destrutivos, ele descobrirá que o homem exerce sua agressividade não apenas no plano erótico, mas também e sobretudo no domínio social, nas relações que estabelece com seus semelhantes e que se revelam no que denomina a *civilização*. É por isso que Freud é conduzido a considerar cada vez mais de perto a dinâmica da cultura. Para ele a cultura não pode tolerar este grau de violência, sob pena de se desintegrar, por isso exige a domesticação das pulsões originais.

Veremos que é mediante a estruturação do supereu que a civilização dirige a agressividade contra o próprio sujeito, e sob a forma de culpabilidade apresenta-

se para ele com a mesma crueldade que estaria destinada aos seus semelhantes. A progressão do sentimento de culpabilidade na cultura ocidental, ligada à renúncia da agressividade contra os outros está na base do funcionamento superegóico, que é um dos temas que Freud desenvolve em *O mal-estar na cultura* e que sustenta até o final de sua vida.

Quando o superego se estabelece, quantidades consideráveis da pulsão agressiva, fixam-se no interior do ego e lá operam auto destrutivamente. Este é um dos perigos para a saúde com que os seres humanos se defrontam em seu caminho para o desenvolvimento cultural (Freud, 1938:175).

4.2

O mal nosso de cada dia

*Pois todas as coisas do Vácuo
Invocadas, merecem ser destruídas...
Assim, tudo o que como Pecado classificastes,
Destruição, algo com o mal mesclado,
Esse é o meu próprio elemento.*
(Goethe, In . Fausto, citado por Freud, 1930:143)

Vamos retomar a afirmação de Freud, de 1930, no artigo *O mal estar na civilização*, segundo a qual “a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição pulsional original e auto – subsistente” (FREUD, 1930:144) para destacar a hipótese por ele sustentada, de uma destrutividade fundamental inerente ao ser humano e não tributária da sexualidade, tornando explícita a tese do *Homo homini lupus*.

Sei que no sadismo e no masoquismo sempre vimos diante de nós manifestações da pulsão destrutiva (dirigidas para fora e para dentro), fortemente mescladas ao erotismo, mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida (Freud, 1930:142).

A temática freudiana de uma destrutividade original do ser humano é cheia de voltas, cada uma mais difícil de apreender do que a outra. Para pensá-la é muito esclarecedora a análise do Professor Luiz Alfredo Garcia-Roza quando

afirma que a destrutividade, em Freud não é considerada “(...) como uma propensão, inclinação ou tendência, mas como um *princípio*, isto é, como algo que está presente a cada momento regendo cada começo” (Garcia-Roza, 1990:155).

Ao longo deste estudo, venho formando a convicção de que esta destrutividade freudiana, para além do efeito maléfico que possa ter enquanto destrutividade furiosa e desgovernada, dirigida para fora ou para dentro, tem um objetivo bem definido, que é, sobretudo, estabelecer a distância ótima dos outros homens, para possibilitar que anteriormente o sujeito se constitua e depois que as relações existam. Lembramos de uma passagem que Freud recolhe de Schopenhauer ⁶⁷, um ano depois de ter cunhado seu conceito de pulsão de morte, para explicar sua teoria de até onde um ser humano pode se acercar do próximo:

Mantenhamos perante nós a natureza das relações emocionais que existem entre os homens em geral. De acordo com o famoso símile schopenhaueriano, sobre os porcos – espinhos que se congelam, nenhum deles pode tolerar uma aproximação demasiado íntima com o próximo (Freud, 1921:128).

A metáfora dos porcos-espinhos num dia gelado de inverno transmite a idéia de que os seres humanos são naturalmente refratários ao contato com seus semelhantes; mas como estão condenados a viver juntos, devem como os porcos-espinhos da fábula, manter-se razoavelmente afastados uns dos outros, a fim de preservarem a individualidade salutar sem terem que romper um elo social indispensável. Só podemos nos aproximar de nossos semelhantes, até certo limite, além do qual surgirá a destrutividade como uma proteção contra o excesso do outro. Neste sentido, a destrutividade da pulsão de morte estaria a serviço do Eu, que luta para estabelecer os limites de seu território, desde sua constituição. Assim sendo, sempre quando suas fronteiras forem invadidas, o eu reagirá com sentimentos de hostilidade e de agressividade, como medidas protetoras para salvaguardar seus espaços invadidos ou ameaçados por forças forâneas.

⁶⁷ Trata-se de uma passagem retirada dos *Parerga et paralipomena*. Relata a trágica alternativa dos porcos-espinhos condenados, por um rigoroso inverno, a escolher entre morrer de frio, permanecendo isolados uns dos outros, ou ferir-se uns aos outros com seus espinhos, aproximando-se para se protegerem do frio.

Freud não deixa de evocar o resíduo de hostilidade que impregna mesmo as relações mais intensas e carinhosas entre os homens e diz que a psicanálise tem provas,

(...) que demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas (...) contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência do recalque. (Freud, 1921:128).

Esta tese será aplicada à cultura. No artigo *O mal estar na civilização*, Freud vai nitidamente, reconstituir a gênese da civilização a partir da gênese do sujeito. Para ele a civilização está atravessada por forças contraditórias. O mesmo dualismo que rege a vida psíquica _ pulsão de vida, *versus*, pulsão de morte _ se manifesta na civilização. O trabalho da civilização é conduzido por Eros, cuja função é ligar unidades cada vez maiores: famílias, povos, nações, humanidade. Este objetivo, contudo, é contrariado pelas forças de Tanatos, a pulsão de morte, que voltada para fora, pode virar pura destrutividade desgovernada. Nesta *batalha de gigantes*, entre os dois *poderes celestes*, espera-se que Eros possa levar a melhor. “Mas quem pode prever com que sucesso e com que resultado?” (Freud, 1930:171).

Sumariamente, a idéia de que o ódio estabelece a fronteira entre o eu e o outro por um lado, e por outro a idéia de que a vocação de Eros é criar conjuntos cada vez mais vastos, são idéias que estão embutidas no conceito de *narcisismo das pequenas diferenças*, cunhado por Freud no quinto capítulo de *O Mal estar na Civilização*, e que designa uma tendência a “apagar as diferenças no interior do grupo ao fazer a diferença passar por fora” (Rey-Flaud, 2002:43), voltando os sentimentos de hostilidade para fora da comunidade. Ele diz que não é fácil para os homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão, e nos informa que:

A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a essa pulsão um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um número considerável de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem a manifestação de sua agressividade (Freud, 1930:136).

É notável que também aqui no que tange à formação dos grupos, a destrutividade da pulsão de morte vai ter um efeito positivo, é que em Freud, este outro - odiado, tem uma função econômica importantíssima, sua ausência pode provocar o retorno do ódio para o interior da comunidade e exterminá-la. Neste sentido, como um redirecionamento de um risco mortífero, a destrutividade tem em si um efeito benéfico.

Contudo, devemos deixar claro, que nós não queremos com isto assumir uma postura de omissão grosseira ou de desconhecimento de evidências elementares, já que também o mesmo fenômeno do *narcisismo das pequenas diferenças*, está na origem de fatos negativos como o racismo “que traduz o mesmo ódio da diferença em nome da *in-diferença* mantida entre os membros da comunidade” (Rey-Flaud, 2002:43). Este fenômeno, sobre o qual Freud se debruça, leva os membros de uma mesma comunidade a abrigar-se em sua identidade coletiva, hostilizando os membros de outros grupos. Esta coesão é a consequência do deslocamento da destrutividade da pulsão de morte para fora, cujo resultado pode ser também, o nacionalismo exacerbado, a rivalidade entre os países e por fim a guerra.

É baseado nisto que Freud não se cansa de nos alertar, para o fato de que a civilização tem necessidade de direcionar a agressividade de seus membros, de forma que ela não os extermine. Sua tese é de que esta destrutividade ameaça constantemente a civilização e deve ser inibida. A civilização cumpre esta meta, exigindo renúncias que são impostas em parte pela autoridade externa, e em parte pela ação da autoridade externa introjetada: o supereu, que vem a ser como já vimos a continuação psíquica do pai e dos seus sucedâneos no mundo adulto. Ao interiorizar a agressividade sob a forma de supereu, a civilização encontrou um meio eficiente de utilizá-la adequadamente às suas finalidades, ela retorna contra o sujeito a agressividade que seria dirigida para seus semelhantes e daí resulta o sentimento de culpa. Citamos Freud:

Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio (...) A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada (Freud, 1930:146/147).

A partir daí, chega-se a um paradoxo: a de que a civilização só se mantém, ao estabelecer dentro de si uma força destrutiva, mesmo que sob a forma de um supereu, que engendra culpas e proibições. Este é o mal-estar engendrado pela cultura. Raulet captou bem esta dialética:

A civilização só se sustenta graças à pulsão de morte colocada à serviço da moral (...) a sociedade só sobrevive e ultrapassa a agressividade por meio da agressividade interiorizada e da pulsão de morte (Raulet, 2002:78).

A civilização exige um preço muito alto, em termos de renúncia pulsional a todos os que escolhem compartilhar de seus benefícios. Os sentimentos de culpa e as frustrações à satisfação libidinal são indissociáveis da vida civilizada, em virtude da dinâmica complexa que se dá entre Eros e Tanatos. Para Freud, é através de um reforço dos sentimentos de culpa, que se pode assegurar à civilização uma sobrevivência relativamente pacífica.

Freud (1930) explica que há um motivo para que o homem submeta seus pensamentos e sentimentos a essa influência que julga, que vigia e que pune, representada pelo supereu ⁶⁸. Por conta de seu desamparo natural e de sua dependência em relação aos outros homens, ele teme perder o amor dos outros, perda esta que se traduziria por indiferença ou por uma punição direta.

Lembremos que uma das funções do supereu é a de consciência moral, que por seu caráter de interdição, origina os sentimentos de culpa. O primeiro momento da consciência moral é o medo der descoberto pelo outro, ao praticar um ato reprovável. Destacando este aspecto superegóico, Freud diz que:

De início, portanto, mau é tudo aquilo que, com a perda do amor, nos faz sentir ameaçados. Por medo dessa perda deve-se evitá-lo. Esta também é a razão por que faz tão pouca diferença que já se tenha feito a coisa má ou apenas se pretenda fazê-lo (Freud, 1930 147/148).

⁶⁸ Convergem para o conceito de supereu três funções básicas: a auto-observação, a consciência moral e a manutenção dos ideais (FREUD, 1932:86).

Ele nos informa que o risco de ser descoberto em sua *má ação* perde força e significado, na medida em que com o surgimento do supereu, as proibições foram introjetadas e “nada pode ser escondido do superego, sequer os pensamentos” (Freud, 1930:148). Assim, na psique humana, fazer algo condenável ou apenas desejar fazê-lo se equivalem.

Esta internalização da autoridade, que se dá pela identificação com a instância parental, está na gênese dos sentimentos de culpa. Enquanto a proibição se dava no exterior, o sujeito podia ser uma simples vítima inocente, mas na medida em que a interdição é ditada por uma consciência moral interna ao sujeito, ele não poderá mais refugiar-se na inocência, posto que se tornou seu próprio acusador. Daí o caráter onisciente e onipresente do supereu.

O medo de uma autoridade externa antes e originalmente, e do supereu posteriormente, são para Freud as duas origens do sentimento de culpa. Apoiado nisso ele diz que o homem teve que trocar a ameaça de uma infelicidade externa, “por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa” (Freud, 1930:151). Está posto o mal – estar: A civilização, sem a qual não poderíamos subsistir, nos impõe sacrifícios que nos impedem de realizar o programa do princípio do prazer. Freud conclui que:

(...) de início, a consciência (...) é na verdade, a causa da renúncia pulsional, mas que posteriormente, o relacionamento se inverte. Toda renúncia à pulsão torna-se agora uma fonte dinâmica de consciência e, cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última (Freud,1930:152).

Assim, a civilização ao exigir cada vez mais renúncias, confronta o homem com a agressividade que o habita de alto a baixo, através de sua própria consciência vigilante, “(...) que constitui precisamente a marca distintiva de um homem moral” (Freud,1930:149). Mas enquanto destrutividade introjetada, ela é também a marca da pulsão de morte que habita o sujeito de dentro a fora e o constitui como tal.

A partir disto no que toca á idéias como as de Freud, cabem as seguintes perguntas: Enquanto sujeito dessa condição de destrutividade inerente, pode um ser humano se salvar? Existe felicidade possível?

Sem que possamos mais nos agarrar às antigas convicções e num mundo onde não podemos simplesmente resignar-nos á desesperança, resta tentar responder a estas perguntas que nos remetem a pensar sobre o que seria o bem para cada um, e neste sentido não podemos deixar de evocar com Freud, as palavras de Frederico o Grande: “Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo” (Freud, 1930:103).

Então, no projeto civilizatório freudiano, cada um de nós terá que pagar por si, com a sua própria libra de carne.

4.3

A felicidade que é possível

O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança (Freud,1930:137).

Vimos que *O Mal Estar na Civilização*, trata do sofrimento específico, engendrado pela nossa relação com os outros homens, cuja proximidade excessiva pode ser extremamente perturbadora e desconcertante. Neste artigo, Freud sustenta a tese de que mesmo diante dos avanços tecnológicos que permitiram que o homem dominasse a natureza hostil cada vez melhor, como se fosse um *Deus de prótese*, ainda assim “(...) **atualmente** ⁶⁹ o homem não se sente feliz em seu papel de semelhante de Deus” (Freud,1930:112).

Para Freud, nem mesmo a ciência pode realizar a utopia de uma vida plena, pois se o progresso técnico tem algum valor sobre a economia da felicidade, permitindo ao homem ultrapassar os limites de seu corpo e de sua imaginação, ainda assim, uma cota de desconforto do homem moderno também é devida a estas mesmas conquistas que o transformaram nesse Deus de artifícios.

Nos princípios do século passado o avanço da civilização e a complexificação dos meios de comunicação, não deixaram de maravilhar Freud,

⁶⁹ O grifo é meu.

que afirmava os benefícios destas conquistas e a possibilidade de tornar mais acessível o prazer à humanidade: as ferrovias que encurtam as distâncias, o telefone que aproxima as pessoas, a medicina que prolonga a vida, e próteses de todos os tipos que ampliam os limites do funcionamento humano, colocando mais recursos à sua disposição. Porém, vemos o mesmo Freud tributar a essas mesmas conquistas humanas um excedente de mal-estar. A ambivalência dele diante das conquistas de seu tempo se expressa no trecho abaixo:

Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle que com sua ajuda não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso e é daí que provém grande parte de **sua atual** ⁷⁰ inquietação, de sua infelicidade e ansiedade. (Freud, 1930: 170)

A atualidade à que Freud se refere como homem preocupado com as questões de seu tempo, remonta a mais de setenta anos atrás, e a meu ver nada tem de anacrônico para nós contemporâneos do final do século XX, que além dos horrores da guerra generalizada, do totalitarismo, do medo e da destruição, assistimos também aos horrores de uma pobreza galopante, do desemprego crônico, da criminalidade sem controle, da fome, da falência dos serviços de saúde, educação e previdência social.

Essa violência que nos atinge a todos está também referida a um quadro, onde o próprio Estado se destrói, através da corrupção generalizada e roubalheiras imensas, e da má gestão dos recursos públicos. Tudo isso apesar do desenvolvimento crescente da ciência e da tecnologia, que a princípio deveriam nos oferecer algum refúgio contra o mal-estar, mas ao contrário, não nos tornou mais felizes. Por todas estas razões me parece que a atualidade das teses de Freud sobre a infelicidade do homem civilizado, se impõe para nós ainda hoje, num tempo por si só portador de um desencanto, que é dentre outras coisas expressão deste mal-estar na cultura.

Conhecemos bem a força silenciosa da pulsão de morte que pode tornar-se bastante barulhenta, quando dirigida para fora. Força esta, sempre rejeitada pelas “criancinhas que não gostam quando se fala na inata inclinação humana para a

⁷⁰ O grifo é meu.

ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade” (Freud,1930:142).

Este tema me parece que constitui a originalidade deste estudo de Freud, que fala do fracasso da cultura em abrandar o mal-estar que vem a ser paradoxalmente e a um só tempo, o resíduo e a causa do processo civilizatório; é neste sentido que nos permitimos falar de um certo pessimismo que perpassa as teses de o *Mal-estar na Cultura*. É a discussão sobre a felicidade que ocasiona estas considerações pessimistas. Coloca-se para Freud, a questão sobre qual seria o objetivo da vida para os homens:

O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer (Freud,1930:94).

Contudo, ele conclui que a civilização se opõe à realização do programa do princípio do prazer e prossegue dizendo que: “Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘criação’” (Freud,1930:95). Para ele aquilo que no seu sentido estrito se chama *felicidade*, corresponde a um fenômeno episódico. Daí deriva para Freud, a necessidade humana de fabricar ilusões, entre as quais, a ilusão religiosa, que ajuda a humanidade em seu desamparo, criando a figura de um pai transcendente, que oferece a promessa da bem-aventurança eterna, que é a compensação pela infelicidade terrena. (Freud, 1927 a:29)

Serão destacados por Freud três tipos de agentes de infelicidade: o corpo, destinado à decadência e à dissolução, que é fonte de sofrimento originado da pressão exercida pelas pulsões, não podendo prescindir da dor e da angústia como sinais de advertência; o mundo _ sede de agressões externas, impiedosas e destruidoras, que nos ameaça com a possibilidade de nosso próprio apagamento enquanto seres viventes e finalmente os nossos relacionamentos com os outros homens, que engendram um sofrimento ainda mais terrível que as exigências do corpo e do mundo.

Concordamos com Rey-Flaud quando afirma que: “A natureza do Outro, cuja civilização sustenta a figura, constitui o paradoxo do sujeito humano” (Rey-

Flaud, 2002:22). É que o humano na origem apreende o outro como instância estrangeira e hostil, e desconhece que ele é na realidade aquele que o constitui ele mesmo como sujeito, conforme o esquema bem conhecido por nós: aquilo que é bom é introjetado e o que é mau é expulso. Esta matriz fundadora da experiência psíquica que rege o funcionamento do eu mais primitivo, tem suficiente lastro na teoria psicanalítica⁷¹ e ensina que sem o seu semelhante, não só o homem provavelmente não sobreviveria, como dificilmente existiria.

É neste sentido, que Rey-Flaud, retoma Freud para dizer que é a existência dos outros homens que torna o mal-estar irreduzível, porque “(...) o homem se revolta de fato contra aquilo que o faz homem”.⁷² É este o paradoxo que ele sublinha quando diz que: “(...) o sujeito humano se encontra na posição da pomba de Kant, irritada contra o ar que impede o seu vôo, mas que ignora que sem o ar a questão do seu vôo não se colocaria” (Rey-Flaud, 2002:23).

Diante deste quadro, Freud nos diz que a humanidade sempre poderá lançar mão de *medidas paliativas*, contra o sofrimento, como lançar mão de satisfações substitutivas, que o diminuam ou usar substâncias tóxicas que nos torne insensíveis a ele. Também a arte, a religião e a ciência entram no rol das *construções auxiliares* da cultura como um refúgio contra o mal-estar que nos assola enquanto homens civilizados. (Freud, 1930:93)

Em Freud, assim como a supressão completa do mal-estar na cultura é algo da ordem do impossível, também o mandamento cristão que diz ‘*Amarás a teu próximo como a ti mesmo*’ é uma exigência cultural incumprível, “(...) pelo fato de nada ir mais fortemente contra a natureza original do homem” (Freud, 1930:134). O amor ao próximo é o reverso do ódio, que em Freud é mais antigo que o amor⁷³. É que no processo de formação do eu, que luta pela sua preservação e pela sua afirmação, o ódio pelo semelhante, será recalcado e voltará invertido sob a forma de amor ao próximo. Está dada a matriz da ambivalência de amor e de ódio, que está presente desde o começo na teoria freudiana, em todas as relações humanas e que inviabiliza qualquer projeto comunitarista, seja ele cristão ou totalitarista, de abolir a diferença.

⁷¹ Cf. Freud, S., As pulsões e suas vicissitudes.

⁷² Idem.

⁷³ Cf. Freud, S., As pulsões e suas vicissitudes. Imago, 1974, RJ. P.

No nível da civilização freudiana, a exigência de amar ao próximo como a si mesmo, embora seja incumprível, é propriamente uma expressão do superego cultural e está pautada, na necessidade da civilização de proteger o conjunto da humanidade dos efeitos do retorno do ódio. Este mandamento nos lembra de que forma a civilização retorna contra o indivíduo a agressividade que lhe proíbe de dirigir aos seus congêneres.

Na luta civilizatória, que se dá desde o início da humanidade, entre Eros e Tanatos, o primeiro que é responsável por criar unidades cada vez maiores, só pode realizar sua missão civilizatória, quando unido ao sentimento de culpa, resultado do recalçamento do ódio e expressão de seu retorno contra o indivíduo.

Paradoxalmente, Freud sustenta que muito embora Eros trabalhe a favor da civilização, pois seu trabalho é constituir unidades cada vez maiores, involuntariamente ele acaba por servir ao objetivo de Tanatos. É que o projeto civilizatório erótico, ao se inscrever numa tendência à uniformização, tende a apagar as diferenças nos conjuntos que constitui, pois a integração num conjunto mais complexo limita ou faz desaparecer a unidade individual. Isto acaba por instituir no interior destes grupos o princípio de uma crescente indiferenciação, que é própria do inanimado. Destarte, se houvesse a ação exclusiva de Eros, todas as diferenças se anulariam numa grande unidade final, fazendo desaparecer o sujeito que só pode ser concebido na diferença e na alteridade que o constitui.

Assim entendida, a destrutividade da pulsão de morte é potência criadora também, e a pulsão de morte ganha um colorido de positividade, na medida em que impede a permanência das totalidades constituídas, promovendo a emergência do novo. Na releitura que Lacan faz do conceito freudiano, a pulsão de morte “(...) é igualmente vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar” (Lacan, 1960:260). Entendemos com Lacan, que a vontade de destruição que caracteriza a pulsão de morte é o que põe em causa tudo o que existe, impedindo a cristalização das formas constituídas por Eros, possibilitando assim novos começos e novas possibilidades de realização.

Constatamos que não há nada mais plástico que a pulsão, a qual pode tomar diversas formas: disfarçar-se, mudar de figura, de objeto, de via, até alcançar a satisfação. Esta plasticidade condiciona todas as realizações humanas (...) (Soller, 1998:469)

Daí conclui-se que se por um lado o sujeito freudiano, é dotado de um equipamento pulsional que limita suas possibilidades de felicidade, de outro lado, a felicidade que é possível atingir dentro da perspectiva de uma vida comunal, só é pensável porque este mesmo equipamento pulsional, que inclui a vontade de destruição e a sexualidade, é uma exigência de trabalho que fornece o fator impulsionador, que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas “pressiona sempre para frente, indomado” (Freud,1920:60).

É porque o sujeito freudiano é pulsional, que ele está comprometido com um movimento de busca incessante por felicidade, que o aguilhoa para frente. Mesmo não obtendo satisfação plena, a pulsão sempre encontra alguma satisfação, e esta mistura de insatisfação com instantes de saciação, é o que reassegura ao sujeito que é possível ser feliz, e é o que vai mantê-lo em movimento, em busca do repouso pulsional.

Conclusão

O caminho que percorremos neste trabalho, desde a proposição do conceito de pulsão na obra freudiana até a discussão sobre a felicidade, nos conduz a afirmar que o projeto freudiano situa-se na contracorrente de todo discurso que pretenda suturar a divisão do sujeito prometendo-lhe plenitude e felicidade absoluta.

A psicanálise anuncia um ser humano que não pode mais deduzir o *eu sou* do *eu penso*, porque é habitado por forças que desconhece. O desejo que o constitui, defronta-o com a impossibilidade de alcançar tudo que almeja, e seu corpo destinado a perecer ensina-lhe que a vida que o anima é a um só tempo sua caminhada para a morte. Ao postular um sujeito pulsional, Freud revela a ilusão da autonomia da consciência e redefine a natureza humana a partir de uma nova perspectiva.

Procuramos dar relevo aos movimentos de construção da teoria pulsional na metapsicologia freudiana, desde os seus primórdios, no *Projeto para uma psicologia científica*, até seu formato final com a proposição do conceito de pulsão de morte e suas vicissitudes na vida psíquica e na cultura.

No decorrer desta construção, vimos um pensamento em movimento que muitas vezes recuava para seguir adiante, em constante reformulação embora abrangendo as construções anteriores em novas elaborações. A obra freudiana é um texto vivo, que se constitui como um instrumento privilegiado para pensar a alma humana ainda em nossos tempos, já que sua teorização sobre a pulsão de morte, que remonta há mais de oitenta anos atrás, transporta-se para o nosso tempo e descreve uma condição humana extremamente atual.

A proposição da pulsão de morte sugere uma vontade de destruição inerente à condição humana, que desmente a ilusão de que o homem é bom, de que é tolerante com as diferenças e com os estrangeiros. Trata-se de um elemento radicalmente novo que transforma a metapsicologia profundamente, inaugurando a destrutividade como um dado irreduzível da alma humana.

Lembremos que na origem da vida psíquica, quando o sujeito se constitui, ele o faz primeiro expulsando o que é mau, já que: “Aquilo que é mau, o que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos (Freud,1925:297). Esta tendência agressiva vai assediar este sujeito por toda sua vida e se perpetuar em cada vínculo que este sujeito estabelecer com seus semelhantes, em cada adesão moral, em cada ideal que erguer e em cada conflito que se lhe apresente. Estarão sempre por trás da máscara civilizada deste sujeito seus impulsos eróticos e destrutivos intrincados modelando sua forma de lidar com o mundo, e com os objetos que para ele se constituírem como *peculiarmente adequados* para apaziguar suas *paixões*.

Procuramos destacar como, durante este caminhar, a natureza humana entra em choque com seus próprios impulsos destrutivos e sexuais. Freud (1930) vai dizer que a nossa civilização repousa inteiramente sobre a coerção desses impulsos fundamentais do ser humano, e nos ensina que, se por um lado a civilização é necessária para que um neném se transforme num ser humano, ela é a um só tempo responsável por uma grande dose de infelicidade e por muitas das limitações que este sujeito vai encontrar na tentativa de satisfazer suas pulsões.

Somos seres que carregamos conosco tendências cuja plena realização tornaria impossível a vida em sociedade, fato este que se comprova quando ocorrem manifestações coletivas de descontrole, como guerras e atos de barbárie. É por isso que temos em nós uma parte da psique encarregada do poder policial. Freud vai chamar esta instância de supereu, e irá estudá-la a partir de seu artigo de 1923 intitulado *O Ego e o Id*, dando-lhe o status de pólo privilegiado de ligação da pulsão de morte.

A agressividade do supereu em sua função de vigia dos impulsos pulsionais vem a ser, no quadro da segunda teoria pulsional freudiana, uma das formas pelas quais a pulsão de morte mostra o seu poder. A crueldade do supereu é atestada por fenômenos observáveis na clínica como a reação terapêutica negativa, que traz à tona uma tendência masoquista original do ser humano, que se apega à doença e agrava sua neurose no decorrer do tratamento - como se a miséria neurótica tivesse o caráter de expiação de um crime hediondo.

Não é de se admirar que tal concepção da natureza humana ponha em evidência para Freud a questão da eficácia e dos limites do tratamento. Que destino a psicanálise poderá oferecer à miséria neurótica?

Em *A psicoterapia da Histeria*, Freud nos ensina que o objetivo do tratamento é substituir a miséria da neurose por uma vida menos infeliz (Freud,1895:294). Esta frase não resume todo o pensamento freudiano sobre a terapêutica que ele inventou, mas delimita o alcance da prática psicanalítica, e nos faz pensar com maior humildade sobre o que podemos oferecer a nossos pacientes.

Sabemos que o método analítico foi se modificando ao longo dos anos, mas algo se manteve sempre imutável para Freud: ao trabalho da neurose, opõe-se o trabalho da análise, no transcurso do qual se obtém um efeito sobre a posição do sujeito.

No artigo *Análise terminável e interminável*, ao perguntar-se sobre o resultado final de uma análise, Freud evoca a transformação que uma pessoa deve sofrer para que possa dizer-se analisada:

Não é precisamente a reivindicação de nossa teoria o fato de que a análise produz um estado que nunca surge espontaneamente no ego e que esse estado recentemente criado constitui a diferença essencial entre uma pessoa que foi analisada e outra que não o foi? (Freud, 1937:259)

A questão que Freud coloca incide sobre a possibilidade de a psicanálise chegar a uma situação em que a possibilidade de geração de novos sintomas estaria eliminada. O intuito do tratamento anunciado por ele é o de radicalmente “exaurir as possibilidades de doença” (Freud,1937:256), ocasionando uma alteração profunda no sujeito. Trata-se de favorecer a circulação pulsional, dentre as várias possibilidades de descarga que a plasticidade da pulsão oferece. É justamente esta mobilidade da pulsão que possibilita um tratamento dos conflitos pulsionais, tornando possível ao material recalcado obter novos caminhos possíveis e aceitáveis de satisfação.

O que a análise modifica, não é a exigência pulsional em si mesma, mas a forma de se posicionar diante desta exigência. O sujeito vai poder decidir mais

flexivelmente, abandonando suas exigências narcísicas mais rudes, as diferentes maneiras de negociação diante dos conflitos relativos ao desejo. Ele vai poder renegociar, com maior ou menor custo, quanto de sua energia pulsional vai ser satisfeita diretamente, encontrar, se tiver a disposição para tal, satisfações sublimatórias importantes, e o quanto vai poder renunciar. Essencialmente o que análise produz num sujeito é aumentar sua flexibilidade egóica e mobilidade das formas de satisfações pulsionais.

A saída que Freud nos oferece, ou a felicidade que é possível “se não é a de uma felicidade remetida à completude, seria ao menos um certo estado de harmonia” (Herzog, 2000:102). Esta felicidade está em conseguir uma certa satisfação pulsional que gere uma situação de equilíbrio. Assim, ao postular um sujeito pulsional, a promessa analítica de Freud deixa lugar a uma nova relação com o desejo, a uma possibilidade de reposicionamento sempre renovada, algo muito raro e muito precioso. Fico no registro desta aposta.

Referências Bibliográficas

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COUTINHO, J. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. vol. 1: *As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

FERENCZI, S., *The Problem of Unpleasant ideas: Advances in Knowledge of the sense of reality*. Int. J. Psycho-Anal., 1926. P. 312-323.

FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica* (1895). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (E.S.B.), vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1974. P.301-409. [Os volumes abaixo relacionados referem-se a esta edição].

_____. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). vol. 2. P.253-294.

_____. *A interpretação de sonhos (parte I)* (1900). vol. 4. P. 131-143.

_____. *A interpretação de sonhos (parte II)* (1900). vol. 5. P.543-665.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). vol. 7. P.123-262.

_____. *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910). vol. 11. P.197-203.

_____. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911). vol. 12. P.273-286.

_____. *Totem e Tabu*. (1913[1912-1913]). vol. 13. P. 13-191.

_____. *Recordar, repetir e elaborar* (1914). vol. 12. P.191-203.

_____. *Sobre o narcisismo: Uma introdução* (1914). vol. 14. P. 85-125.

_____. *Os instintos e suas vicissitudes* (1915a). vol. 14. P. 129-167.

_____. *O inconsciente* (1915b). vol. 14. p. 185-233.

_____. *O Estranho* (1919). vol. 17. P.273-314.

_____. *Além do princípio de prazer* (1920). vol. 18. P.13-85.

_____. *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). vol. 18. P.89-179.

_____. *O Ego e o Id* (1923). vol. 19. P.13-89.

_____. *O Problema Econômico do masoquismo* (1924). vol. 19. P.197-212.

- _____. *A Negativa* (1925) vol. 19. P.293-300.
- _____. *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926[1925]). vol. 20. P.95-201.
- _____. *O futuro de uma ilusão* (1927a). vol. 21. P.13-71
- _____. *O humor* (1927b). vol. 21.P. 188-194.
- _____. *O mal-estar na civilização* (1930). vol. 21. P.75-171.
- _____. ‘Conferência 31. *A dissecação da personalidade psíquica*’, *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. (1933). vol. 22. P.75-102.
- _____. ‘Conferência 32. *Ansiedade e vida pulsional*’, *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. (1933). Vol. 22. P.103-138.
- _____. *Análise terminável e interminável* (1937). vol.23. P.240-287.
- _____. *Moisés e o monoteísmo* (1939 [1934-1938]). vol. 23.P.13-161.
- _____. *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938]). vol.23. P.165-237.
- GARCIA-ROZA, L. A. *O mal – radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana 1*. Rio de Janeiro: Zahar,1991.
- _____. *Introdução à metapsicologia freudiana 3*. Rio de Janeiro: Zahar,1995.
- _____. *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar,1999.
- GREEN, A. et.al. *Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante*. In. *A pulsão de morte*. São Paulo, Escuta, 1988. P.59-68.
- HERZOG, R. (org.) *Desconstruindo a razão: de Schopenhauer a Freud* In. *A psicanálise e o pensamento moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. P.79-108.
- HYPOLITE, J. *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud*, In. J. Lacan, *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar,1998. P. 893-907.
- LACAN, J. (1959 -1960) *O seminário, Livro 7*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. (1964) *O Seminário, Livro 11*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- LAPLANCHE, J., *A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual*. In. *A pulsão de morte* / Green, A. [et al.]. São Paulo: Escuta, 1988. P. 15-29.

MASOTTA, O., *Dualidade psíquica: o modelo pulsional*. Campinas, SP: Papirus, 1986.

MEZAN, R. *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PAES DE BARROS, C. *Obras Reunidas* In. Cad. Temp. Psic., Rio de Janeiro, n 3, 1998.

PINHEIRO, T., E JORDÃO, A. *Antecedentes históricos do conceito de narcisismo*. In. *A psicanálise e o pensamento moderno* / Herzog, R. (org.). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. P.11-27.

RAULET, G., *As duas faces da morte. Sobre o estatuto da agressividade e da pulsão de morte em O mal-estar na civilização*. In. *Em torno de O mal-estar na cultura*. São Paulo: Escuta, 2002. P.69-96.

REY-FLAUD, H., *Os fundamentos metapsicológicos de O mal – estar na cultura*. In. *Em torno de O mal – estar na cultura*. São Paulo: Escuta, 2002. P.5-68.

ROSENBERG, B., *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta, 2003.

RUDGE, A . M., *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Pulsão de morte como efeito de supereu*. No prelo, 2005.

SEGAL, H., *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SOLER, C., *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.